LIBRARY OF PRINCETON
MAY 20 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/revistagregorian7414inst

Revista GREGORIANA

LAB

LIBRARY OF PRINCETON
JAN 29 1988
THEOLOGICAL SEMINARY

41-42

D. TIMÓTEO AMOROSO ANASTÁCIO O.S.B
Perspectivas do Natal 2

D. CIRILO FOLCH GOMES O.S.B.
O Culto de Nossa Senhora 5

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT O.S.B.
"Fostes bom, Senhor, para com vossa terra" 16

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT O.S.B.
O salmo "Benedixisti" na liturgia do Advento 28

D. JEAN CLAIRE
Ritmo e modalidade 37

M. MARIE-ROSE PORTO O.P.
3.º Livro de Canto Gregoriano ... 48
Falando de Liturgia 50
Esclarecimentos pedidos 54
Vida do Instituto Pio X 64
Livros em Revista 75
Discos em Revista 86
Índice Geral de 1960 90

Setembro - Dezembro 1960 — Ano VII

REVISTA
GREGORIANA

Ano [illegible] — Nº 8 [illegible]
[illegible] Solesmes
[illegible]

Sagrada Escritura — Canto Gregoriano — Liturgia — Espiritualidade.

Metodo Ward

ÓRGÃO DO

INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

Monges [illegible] Francisco Ensut O S B
[illegible] Frei Maria Rose Porto O P

[illegible] PERNAMBUCO — TEL. 26-1822

— [illegible] REDAÇÃO e ADMINISTRAÇÃO (as-[illegible] deve ser [illegible] INSTITUTO PIO X DO RIO DE [illegible]

[illegible] — Tiragem bimes[illegible] — Para o Estrangeiro, Cr$ [illegible] — Via aérea: Cr$ 250,00 [illegible]

— [illegible] por direito, aos Sócios [illegible] JANEIRO

— [illegible] em cheque em nome da [illegible] Rua Real Grandeza 108 — [illegible] favor endereçar para [illegible] O cheque bancário [illegible]

[illegible] INSTITUTO PIO X DO RIO DE [illegible] sôbre todas as suas atividades [illegible] Missas Cantadas, etc.) e do mo[illegible] um grande auxílio à irra[illegible] Brasil. Esperamos de sua caridade [illegible]

[illegible] Cr$ [illegible] por ano;
[illegible] — Cr$ [illegible] por ano
[illegible] — Cr$ [illegible] por ano;
Sócio Benfeitor — Cr$ [illegible] por ano ou mais

— [illegible] Revista "PERGUNTE e RESPONDEREMOS" Assinatura: Cr$ [illegible], Via aérea Cr$ 250,00 — Para o Estrangeiro: Cr$ 250,00 — Número avulso: Cr$ 20,00 (atrazado: Cr$ 25,00) — Mesmo endereço acima.

DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO

ADVENTO - NATAL
1960

ESCOLA SUPERIOR DE CATEQUESE
MATER ECCLESIAE
(ZONA SUL)
Rua Real Grandeza, 108
Botafogo - GB.
Tel. 226-1822.
ZO-02

Perspectivas do NATAL

Uma passagem da encíclica *Mediator Dei* lança o fundamento em que repousa o valor do ano litúrgico. Êsse princípio é a realidade do Corpo Místico: "Comemorando os mistérios de Jesus Cristo — diz o Papa — a liturgia sagrada se propõe a fazer que dêles participem todos os crentes, de sorte que o Divino Chefe do Corpo Místico viva em cada um dos seus membros, com tôda a perfeição da sua santidade" (147). O Papa diz em seguida que cada um deve ser o altar em que êsses mistérios se renovam sucessivamente. Pela inserção, pois, do fiel na corrente de tal vida, êle se deixa penetrar do espírito de Cristo e dos efeitos dos seus mistérios. Pelo Advento a Liturgia nos torna capazes de acolher em tôda a sua profundeza o mistério de Natal. Trata-se de receber com alegria o Filho de Deus como Redentor, para que possamos ir ao seu encontro como Juiz no fim dos tempos. É essa aspiração, expressa na oração da Vigília do Natal, que domina a liturgia do Advento e o ciclo de Natal. De acôrdo com as palavras de S. Gregório Nazianzeno num sermão célebre (*Oratio 38, in Theophania*), Natal é a "nossa festa... a vinda de Deus entre nós de modo que podemos aproximar-nos de Deus, voltar a Deus, depondo o velho homem, revestindo o novo' Passado, presente e futuro se tocam nesse ponto mistorioso de intersecção de que o ato litúrgico nos dá uma experiência concreta. "Hoje — diz uma

antífona Natal — o Cristo nasceu; hoje, o Salvador apareceu. Hoje, na terra, cantam os Anjos, alegram-se os Arcanjos; hoje, exultam os justos, dizendo: Glória a Deus nas alturas, alelúia!" Há, pois, um convite instante para a pureza de vida, o desembaraço dos corações, o desprendimento do mal, em vista de acolher a redenção e, nessa perspectiva, a volta do Senhor em glória, no fim dos tempos.

Nem sempre foi percebida na orquestração litúrgica do mistério do Natal a nota fluente em tensão para o futuro e a segunda Vinda do Cristo. E, no entanto, ela é aí mais do que um *motivo* em constante ressurgência. Ela exprime, mesmo, o próprio sentido da frase, a chave dos seus símbolos.

Nossa geração, sem deixar de afirmar a comemoração do fato histórico do nascimento de Jesus, contempla-o em sua perspectiva escatológica, iluminado pelo esplendor da realeza e da Aparição gloriosa do Senhor, a que tudo tende em irreversível dinamismo.

"Secundo ut cum fulserit..." Natal, como nos lembra êsse verso de hino, evoca, sob o sinal da infância e da pobreza, a fulminante e radiosa Volta do grande Rei no último dia.

Mais do que as épocas de aparente segurança institucional, a nossa catastrófica, própria a fazer sentir a precariedade das coisas, nos ajuda a reviver espontâneamente a mentalidade dos antigos cristãos, de coração polarizado na Espera do Senhor. Os textos do Advento, aliás, nos advertem intensamente que o Senhor está próximo, e ninguém mais pretenderá que êles nos transportam a uma situação anterior ao nascimesto de Jesus. É para o fim dos tempos que êles nos preparam. E se se insiste na comemoração do fato histórico do nascimento de Jesus, é que o Cristianismo é justamente uma intervenção real e datada de Deus na história humana, e não um sistema religioso fundado em mitos intemporais. Para êsse fato real, que põe um fim à história, tendiam irresistìvelmente todos os acontecimentos anteriores. Êle põe, assim, um ponto final à história humana, mas, por isto mesmo, deixa de ser um simples "incidente" histórico como os outros, para ser o início de uma nova "era" já em ação até que se instaure a sua plenitude com a Volta gloriosa do Senhor. A historicidade do cristianismo, entretanto, por mais real que seja, não exorciza os fatos de sua dimensão "mítica", capaz de susci-

tar no inconsciente dos homens uma acolhida evangelizante. Deus vem, pois, no Natal, e vem sob o signo da infância que exprime o mistério da inocência, de rejuvenescimento e de imortalidade que os muitos entreviram na antigüidade:

"Tu Puer Aeternus, tu formosissimus alto
Conspiciens coelo, tibi"...

Na irreprimível tensão em que comemoramos a vinda de Deus entre nós como homem para nos divinizar, cada celebração anual é um passo para a última perfeição esperada, em crescimento para a plenitude contida na promessa paulina: "Iremos" ao encontro do Cristo nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor" (I Tess 4,17).

Esvaziamento da história e da vida cotidiana, nesse clima de espera? De modo algum. A vida assume, pelo contrário, sob o signo da espera, uma indisfarçável gravidade. Revela-se-lhe o valor precioso, e tanto mais precioso quanto mais real o seu fluxo e mais próxima — de uma proximidade não temporal, mas *teologal* — a presença do Cristo como Juiz e Senhor. Isso nos impõe o dever de preparar-nos ao longo da vida, para o encontro que revelará o "eterno pêso de glória" escondido na vida presente.

Com as faces voltadas para essa madrugada prestes a romper a barra do horizonte, os cristãos chamam dos céus o Salvador, recebem-nO no regaço de Maria, acolhem-nO no seu inundado coração. Os cristãos carregam com isto a esperança dos homens, experimentada pelos profetas e os patriarcas e também expressa, de algum modo, nos desejos de todos os povos e indivíduos que, sem conhecer a Jesus Cristo, procuram a Deus à sua maneira.

Clamamos, assim, com a Igreja — Ó Sabedoria, Ó Emmanuel — mas esta esperança exige de nós um absoluto despojamento, como Maria, uma indivisível tensão para o lado desta Aurora que desponta. À luz dêsse Dia que avança, tôdas as realidades humanas sofrem, sem dúvida, uma depreciação, mas nem por isto são esvaziadas de seu conteúdo. Pelo contrário, é através delas, e na fidelidade humilde às exigências de amor que elas põem no coração dos cristãos, que êstes se preparam, livres e ao mesmo tempo atentos, ao Senhor que lhes vem: "Quando nascer o sol no céu, vereis o Rei dos Reis que procede do Pai como um Espôso do tálamo" (Antifona da liturgia de Natal).

O CULTO de NOSSA SENHORA

NOS PRIMEIROS SÉCULOS DA IGREJA

Foi Nossa Senhora mesma quem profetizou: "tôdas as gerações me chamarão bemaventurada" (1). E, efetivamente, não encontraríamos uma única época na História da Cristandade que se tivesse abatido de louvar a Virgem Seu culto é tão antigo como a Igreja. "Desde os primeiros séculos da Igreja Católica" dizia Pio XII na encíclica Ad-caeli Reginam, "o povo cristão elevou orações suplicantes e hinos de louvor e devoção à Rainha do Céu, quer nas circustâncias agradáveis, quer, principalmente, nos períodos de graves angústias e perigos" (2).

Todavia, não é bastante conhecido o fundamento de afirmações como esta. De protestantes ouvimos, às vêzes, que os quatro primeiros séculos não conheceram nem a doutrina nem o culto mariológico que mais tarde tanto ocuparão as mentes e as preces da Igreja (3). E, mesmo entre católicos, certos autores há que nos dão a impressão de ter escrúpulos em emitir um pronunciamento claro e decisivo como o de Pio XII. Mas por que? Por causa geral-

(1) Lc 1,48.
(2) AAS 1954.
(3) Assim, por exemplo, K. Barth, citado em Sträter, "Maria in der Offenbarung" I,137, Paderborn 1952.

mente de um conceito de culto de tal modo estreito que só abraçaria as suas formas mais desenvolvidas, as suas manifestações similares das atuais, o que é um presuposto inteiramente falso. Na verdade, culto é uma veneração íntima que se exprime por formas diversíssimas. Ora se exprime por um hino de louvor, ora por uma ação de graças, ora por uma invocação, ora é culto de imitação... e a que título se haveria de restringir, "a-priori", a legitimidade dessas diferentes manifestações? Por que dizer, por exemplo, que só quando há a invocação se deva falar do culto religioso de um santo? Em primeiro lugar, nem sempre a invocação é um válido sinal de culto (4); em segundo lugar, há outros modos de ser atestado êsse sentimento de reverente submissão que se requer no culto. E o critério, depois, pelo qual chamaremos a êste de "litúrgico" exige largueza, não podendo ser tirado, sem mais, das nossas categorias de hoje. Não haveremos de postular a existência de uma festa expressamente dedicada a Maria para falarmos de um culto mariano litúrgico naquelas épocas remotas da vida da Igreja.

Tendo em vista essas observações, parece-nos que o melhor método a seguir neste breve trabalho será o de coligir em cada um dos quatro primeiros séculos os testemunhos significativos dessa atitude de estima e reverência religiosa, que, nas formas mais variadas, servem para caracterizar o culto mariano tanto privado como público e litúrgico. Adotamos uma classificação por séculos, que não é, por certo, a mais conveniente, pois a história da espiritualidade cristã conhece outros marcos de maior importância, porém num artigo de pretensões modestas justifica-se a solução mais simples. Deter-nos-emos no Concílio de Éfeso (a. 435), que, como é sabido, deu início a uma nova fase na devoção a Maria. A partir de então eclodem ràpidamente quase tôdas as sementes que nos séculos anteriores cresciam de um modo mais latente, e as formas externas dessa devoção assumem muito em breve a configuração que ainda hoje as caracteriza, multiplicando-se as festas litúrgicas, as imagens e os templos dedicados a Nossa Senhora.

---

(4) Na antigüidade os cristãos gravavam invocações nos epitáfios de seus parentes adormecidos no Senhor sem que isso significasse culto religioso no nosso sentido: cf. Delehaye, H., "Sanctus", Bruxelles 1927 p. 151ss.

No Século I.º:

No século I.º estamos em plena era apostólica. Sua documentação é a dos livros bíblicos do Novo Testamento. Nossa Senhora vivia ainda entre os cristãos, durante a redação de boa parte dêsses livros. Não é, pois, de admirar que encontremos neles antes os prenúncios, as premissas digamos, de um culto mariano, que só irá ser verdadeiramente prestado depois da Assunção.

Que prenúncios? A reverente atenção de que são objeto as prerrogativas de Maria: sua dignidade de Mãe do Senhor, sua virgindade voluntária, sua santidade, seu poder de intercessão junto a Jesus, sua participação íntima ao Sacrifício do Calvário, sua presença à oração comum da Igreja no dia de Pentecostes.

O estilo dos evangelistas é sóbrio, mas bem reflete a veneração que cercava a pessoa de Maria, "Mãe de Jesus". Êles não se limitam a registrar os mistérios de sua vida, mas assinalam, com um evidente carinho, os vários louvores que lhe foram dirigidos em nome de Deus, como convite aos nossos: o do anjo Gabriel, saudando-a com o "Ave, cheia de graça"; o de Isabel, proclamando-a "bendita entre as mulheres" e protestando-se indígna de receber a visita de quem era "a Mãe de meu Senhor" (5). E quando São Lucas, narrando a vida pública de Jesus, refere o louvor dirigido a Maria pela mulher anônima da turba, parece estar vendo nele o primeiro cumprimento da profecia do Magnificat, pouco antes relatada: "tôdas as gerações me chamarão bemaventurada" (6). Entre os Sinóticos é, aliás, São Lucas, o evangelista que mais fundamentos propõe para o culto de Maria, pois não apenas a apresenta em sua realidade concreta e humana, mas insinúa que ela é a autêntica "Filha de Sião" decantada pelos profetas (7).

Os escritos de São João foram redigidos certamente após a Assunção. Os cristãos já não tinham em seu meio a presença física de Maria, aquela presença que lhes recordava o Senhor. Sua lembrança permanecia, porém, sem possibilidade de dúvida, algo de muito vivo, e necessàriamente se traduzia

---

(5) Lc 1,42.
(6) Cf. Lagrange, "Evangile selon S. Luc", Paris 1921, p.336.
(7) Ver Lyonnet, Biblica 20 (1939), pr.131-141; Hebert, Vie Spir. 85 (1951), pp 127-140.

numa veneração maior e mais profunda. Sabiam que ela estava junto do Senhor para sempre.

E por que supor que não a invocavam? O 4.º evangelho, que os estudiosos hoje mostram tão estruturado em correspondência ao culto vigente na Comunidade primitiva, estaria quem sabe corroborando as primeiras práticas de invocação a Maria ao apresentá-la interferindo eficazmente junto a Jesus, em pról dos esposos de Caná. Mostrando-a depois no Calvário como "a Mulher", a nova Eva que se torna a Mãe dos discípulos de Cristo, afirmava sua maternidade universal e perpétua no plano da graça (8). No Apocalipse, enfim, propõe-na São João como o exemplar consumado da Igreja, como a realização pessoal do mistério da Igreja (9).

No Século II.º:

À primeira vista é pequena a veneração mariana. Estaríamos assistindo, já agora, "a um fenômeno de regressão" (10)? Materialmente falando, a documentação é escassa, mas isto se deve em parte à "disciplina do arcano": impunha-se certa reserva face a um mundo pagão que cultuava divindades femininas, como Cibele, "Mater Deum", e poderia desvirtuar a significação da Virgem Maria.

Na intimidade da vida da Igreja, porém, a devoção crescia. Vários indícios nos permitem essa afirmação. Temos em primeiro lugar que, no plano intelectual, se fixa por essa época uma das perspectivas mais ricas da Mariologia: a comparação entre Eva e Maria, semelhante à que a Escritura explicita entre Adão e Cristo. São Justino, Santo Ireneu e, pouco depois, Tertuliano, são os principais divulgadores dessa antítese, provàvelmente originária das Igrejas da Ásia, talvez desde o tempo do Apóstolo São João (11). Maria, ao contrário de Eva, a virgem desobediente, foi dócil à palavra de Deus, tornando-se "para si e para todo o mundo causa de salvação", diz Santo Ireneu (12). É a asserção da materni-

---

(8) Veja-se Braun, "La Mère de Jesus dans l'oeuvre de S. Jean", Rev. Th. 59 (1951), p.51.

(9) Veja-se Le Frois, "The Woman clothed with the Sun", Roma 1954, p.232ss.

(10) Laurentin, "Court traité de théologie mariale", Paris 1953, p. 37.

(11) Cf. Braun, Rev. Th. 50 (1950), p. 474.

(12) MG 7,960 A.

dade universal de Nossa Senhora, enquanto considerada no "Fiat" da Anunciação (13).

Ora, é claro que a tomada de consciência dessas verdades devia repercutir na piedade cristã...

Mais diretamente, se quisermos, ligados ao culto (público) são os testemunhos iconográficos. Nas Catatumbas de Priscila, em Roma, conservam-ss duas pinturas do século II, que representam Nossa Senhora. Uma é a chamada "Madonna d'Isaia", pois figura visìvelmente a "Virgem-Mãe" da profecia do Emmanuel, que forneceu ampla motivação para a literatura contemporânea (14). Nossa Senhora, sentada, traz o Menino ao colo. Diante dela o profeta aponta com o dedo uma estrêla, talvez aludindo ao oráculo de Balaão: "Sairá uma estrêla de Jacó".

A outra pintura é a cena da Epifania, na "Capela grecca" das mesmas Catacumbas: os Magos vêm prestar seu culto ao Menino nos braços de sua Mãe, como refere o evangelho de São Mateus. É uma cena que se reproduzirá muitas vêzes na arte antiga e que de modo eloqüente resume o caráter marcadamente *cristológico* do culto mariano dêsses tempos: adora-se ao Cristo, que está, porém, "com Maria".

Uma forma litúrgica em que aparece êsse culto concomiante é o rito do *Batismo*. Cêdo se fêz menção da conceição virginal de Cristo, no Símbolo de fé que era proposto imediatamente antes da ablução sacramental:

"Crês em Jesus Cristo, Filho de Deus, que nasceu *da Virgem Maria,* por obra do Espírito Santo?"

Seria pouco vermos nessas palavras apenas uma profissão de fé no nascimento miraculoso de Cristo. Tratava-se de evocar algo de vital: êsse nascimento foi o exemplar concreto da regeneração batismal do cristão, também esta virginal e transcendente em seu princípio. Maria, neste caso, aparece conotada como um paradigma de pureza e consagração a Deus; sua maternidade é o exemplar da maternidade espiritual da Igreja, exercida na fonte batismal. (15). E mais ainda: tudo indica que a consciência cristã, já

---

(13) Os Padres do século II não parecem ainda considerar a maternidade espiritual enquanto exercida no Calvário, isto é, na obra da Corredenção. Neste ponto não desenvolvem o pensamento do 4.º Evangelho (cf. nota 8). Insistem na perspectiva soteriológica da Encarnação, isto é, enquanto com esta radicalmente foi inaugurada a Igreja.

(14) Veja-se S. Justino, Apologia I, 37, 7; 1:54, 8; Dial. cum Tryph. 66,1.

(15) Cf. por exemplo S. Hipólito, De antichristo, MG 10,732.

plenamente atenta para a realidade da maternidade espiritual de Maria, sabia atuar-se ela no momento do Batismo (16). Santo Ireneu, por exemplo, nos diz que é o seio da Virgem "aquele que faz o homem renascer para Deus" (17). Antecipava as reflexões que sôbre êsse tema fariam os Padres e teólogos posteriores, como um Santo Ambrósio, um Santo Agostinho, um São Leão (18).

Também no *Sacrifício eucarístico* a Liturgia do século II prestava uma homenagem a Nossa Senhora. Atesta-o o Canon mais antigo de que se tem notícia, a Anáfora de Hipólito (+ 220). Hipólito redigiu-a no início do século III, mas se consideramos a sua finalidade de transmitir fielmente a tradição recebida, ("ut cognoscant quomodo oportet tradi et custodiri omnia"), podemos atribuir-lhe uma data muito recuada, vizinha da apostólica. Ora alí temos, no coração do culto litúrgico, uma comemoração de Maria, como no atual Canon da Missa romana. Diz o texto:

"Nós vos damos graças, ó Deus, por vosso Filho dileto Jesus Cristo, que nos enviastes, nos últimos tempos, como Salvador, Redentor e Mensageiro de vossa vontade. Êle é o vosso Verbo inseparável, por quem fizestes tôdas as coisas e achastes isso bom. Vós o enviastes do céu ao *ventre da Virgem, em cujas entranhas êle se encarnou* e, sendo vosso Filho, foi-vos apresentado *nascido do Espírito Santo e da Virgem*".

(Segue-se a lembrança da Paixão e da Última Cêia).

Notem-se as ressonâncias cúlticas dessas breves palavras. Maria é designada simplesmente como "a Virgem", a Virgem por excelência. Se compararmos êsse texto da Anáfora com outros escritos de Hipólito onde êle comenta o mistério da Encarnação, poderemos perceber quantas alusões se escondiam, para um cristão dessa época, em fórmulas como "nascido do Espírito Santo e da Virgem" (19). A santidade da Virgem é um correlativo inseparável da admirável natividade: "Como um esposo, Êle assumiu uma santa carne, de uma santa Virgem" (20).

Podemos acrescentar que certa relação entre Nossa Senhora e o *Sacramento* da Eucaristia foi também pressentida

---

(16) Cf. n. 13. O.P. Congar só aceitaria o influxo de exemplaridade, nas afirmações dos Padres: RSPT 38 (1954), p. 13.
(17) Adv. Haer. 3,19,1 (RJ 222).
(18) ML 15,1555B; 1572-1573;ML 38,1064;ML 54,227B;211B;213B.
(19) Cf. In Ps. 22 :MG 10,610; Contra haer. Noeti, 17 :MG 10,825.
(20) De Antichr., 4: MG 10,732.

nêsses primórdios da espiritualidade cristã. Um vestígio disso temos no famoso epitáfio de Abércio, de cêrca do ano 180, onde em forma poética se faz referência à "Virgem casta, que nos alimenta com um "Peixe puro" e nos dá o "bom vinho" misturado com pão. Trata-se, com tôda probabilidade, do tema de Maria ministra da Encarnação e da Eucaristia (21).

No Século III°

Continua a desenvolver-se a reflexão teológica sôbre Nossa Senhora. Êsse fato e o incremento do ideal ascético entre os cristãos motivam a intensificação da devoção mariana.

Assim, Orígenes dirá que em seu tempo se cumpre o vaticínio de Maria: "tôdas as gerações me chamarão bemaventurada". Êle mesmo é o autor de belíssimas meditações sôbre a Virgem, no seu Comentário ao Evangelho de São Lucas, onde até São Bernardo vai haurir inspiração. No Comentário a São João, redige a frase célebre sôbre a maternidade espiritual de Nossa Senhora no Calvário:

"Aquele que é perfeito não vive mais em si, porém Cristo vive nele; ora, se Cristo vive nele, a seu propósito é dito a Maria: Eis o teu filho, (eis) Cristo" (22).

Provavèlmente é de Orígenes a expressão "Theotókos" ("Mãe de Deus") (23), que a partir do século III, mais e mais se divulga, e inicialmente sem intenção dogmática (que prevalecerá na luta contra o nestorianismo), mas antes com um sabor cúltico, como um apelativo honroso, semelhantemente às expressões "Panhagia" ("tôda santa") e "Aeiparthénos" ("sempre virgem") que não tardarão também a divulgar-se.

A expressão Theotókos ocorre na mais antiga *invocação* que conhecemos feita à Ssma. Virgem: a célebre oração "Sub tuum praesidium". Como é notório, foi encontrada há alguns decênios num papiro copta que os especia-

(21) Quasten, Monumenta eucharistica et liturgica vetustissima, Bonnae 1935, pág. 24.
(22) In Jo 4,23.
(23) Cf. Cipriano Vagaggini, "Maria nelle opere di Origene", Romae 1942, p.105ss.

listas dataram do século III (24). Seu texto primitivo pode ser assim reconstituido:

"Sob a tua misericórdia (eusplanchia), nós nos refugiamos, Mãe de Deus; não desprezes nossas preces na necessidade, mas livra-nos do perigo, tu que és pura e bendita".

É, pois, uma oração formulada no plural, o que sugere recitação comunitária. Exprime a fé em vários privilégios de Maria: sua maternidade divina, santidade, virgindade, intercessão. É dirigida ao coração misericordioso da Mãe numa situação de perigo, provavèlmente numa das grandes perseguições do século III (a de Décio?).

Certamente muitas outras preces como esta se compuseram num século em que também aos santos (mártires) *já* se dirigem invocações, "preces suplicantes pelas quais se venha a obter aquilo de que se necessita" (25).

Teríamos mesmo o testemunho de um exemplo concreto de invocação a Nossa Senhora no martírio de Santa Justina: a santa rezou à Virgem, "por preces suplicantes", afim de que ela lhe conservasse intacta a castidade em meio a uma perseguição. A informação é de São Gregório Nazianzeno, que embora equivocado quanto à data da perseguição (pensava na de Décio, mas foi a de Diocleciano), refere o fato como algo de normal e de si mesmo evidente.

Talvez seja ainda do século III a primeira das *aparições* da Virgem, que mais tarde pontilharão a história da Igreja. Narra-a São Gregório de Nissa, como se tendo dado na vida de São Gregório Taumaturgo (+ 270). O Nisseno tê-la-ia conhecido por narração de sua avó Macrina, que fôra discípula do Taumaturgo e fiel guardiã dos ditos de seu mestre — consoante nos diz São Basílio (26). Na verdade, é difícil julgarmos, pelo texto, se se tratou de uma aparição ou de um sonho. Nessa visão, de qualquer modo que tenha sido, a Mãe do Senhor aparece ordenando a João Evangelista que explane a Gregório a doutrina sôbre a Santíssima Trindade, que tanta dificuldade lhe causava.

A importância do fato é a de exprimir a crença numa proteção eficaz de Maria e de ilustrar uma idéia que, ainda uma vez, Orígenes tornou clássica: a de que ninguém pode "perscrutar os tesouros da sabedoria e da ciência" nem "des-

---

(24) Cf. Mercennier, Les quest. lit. et par. 1940,p.36; Botte, Bull. Theol. anc. et méd. 6 (1953), p.2022; Cecchetti, Enc. Cattolica XI,1468-71.
(25) Origenes, Lib. de Orat., MG 11,463.
(26) Epist. 2046: MG 32,752.

cansar no sentido interno da doutrina" se não tiver recostado sôbre o peito do Senhor, como João, "e se não tiver recebido Maria como mãe" (27).

No Século IV.º:

Entramos muito em breve na era constantiniana da paz da Igreja. Os cristãos deixam definitivamente as Catacumbas e podem erguer abertamente seus templos, guardar honrosamente os corpos de seus mártires, dar esplendor a suas solenidades. Há um desenvolvimento grande no culto. Novas festas do Senhor se acrescentam à da Páscoa, única até então celebrada. Os aniversários dos mártires são comemorados em outros lugares que não o do martírio, e a êsse culto é equiparado pouco a pouco o dos confessores, ascetas e virgens.

Não admira que também o de Nossa Senhora conheça um incremento novo. Antes, porém, de falarmos das festas, vejamos algumas manifestações da crescente veneração mariana que as foi orgânicamente preparando em todos os recantos da Cristandade.

Podemos começar pela Síria, servindo-nos de alguns exemplos das obras de Santo Efrém. Êle foi o autor de muitos hinos de louvor à Virgem, destinados à recitação litúrgica nas comunidades de monjes sírios (28), e poucos devotos terá encontrado Maria que lhe dirigissem elogios tão sublimes:

"Os Querubins, com suas quatro faces, não podem comparar-se em santidade, a ti; os Serafins, com suas seis asas, recuam ante a tua beleza;

Nem tôdas as legiões de anjos celestes fariam face à tua pureza" (29).

Além de louvores, Efrém nos dá também exemplos de preces de invocação: "Ó bendita entre as mulheres... a graça se inclinou a ti a fim de verter suas misericórdias sôbre o mundo... recebe minhas palavras acompanhadas de ação de graças" (30).

Aliás, segundo São Efrém, já São Pedro recorrera à intercessão da Virgem afim de obter do Senhor a tríplice palavra de perdão:

---

(27) In Jo., praef. n. 6:MG 14,34.
(28) Cf. Righetti, Storia Litúrgica II, Milano 1946, p.241.
(29) Ed. Lamy II,578.
(30) Ib., 600.

"Onde está sua Mãe? Irei rogar-lhe a intercessão, afim de que o seu dileto Filho me perdõe a iniqüidade"(31).

No Ocidente, Santo Ambrósio propõe às virgens de Milão o recurso a Nossa Senhora para que consigam superar as dificuldades e recebam a graça da pureza:

"Imitai-a, filhas; recebei, ó virgens sacras, o orvalho espiritual dessa Nuvem... Segui a boa Nuvem, que gerou dentro de si a Fonte, pela qual irrigou o orbe da terra". "Ela é a imagem da virgindade" (32).

O culto de invocação encontra muitos outros testemunhos, neste século. Severiano de Gábala diz expressamente, como nas nossas ladainhas:

"Roguemos a santa e gloriosa Virgem e Mãe de Deus, Maria, roguemos os santos e preclaros Apóstolos, roguemos os santos mártires" (33).

Em Salamina, Santo Epifânio determina com grande precisão a *qualidade* do culto que se deve a Maria: um culto superior ao de todos os santos (hoje diríamos "hiperdulia"), mas essencialmente diverso da adoração que se presta exclusivamente a Deus:

"Maria seja honrada, o Senhor seja adorado" (34).

É que começara a se difundir um grave abuso, no mesmo século IV, nas regiões da Arábia e da Trácia: o das "coliridianas", mulheres que ofereciam sacrifícios de tortas e pães "em nome da Santíssima Virgem". Repreende-as severamente o santo Bispo, pois só "ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo se adora".

Em Roma, o testemunho mais interessante, quanto ao culto de invocação, é talvez o que nos dá a pintura da "Maria Advogada", no Cemitério Maior (via Nomentana): trata-se de uma belíssima representação do poder intercessor da Virgem: ela, com as mãos estendidas e em vestes de Rainha, traz diante de si o Menino.

Uma palavra agora sôbre as *festas* litúrgiras. Parece que são do século IV as primeiras festas mariais.

Em primeiro lugar notemos que, desde sua origem, a Epifania e o Natal incluiam certamente um culto de Nossa Senhora, concomitantemente ao do Senhor. Atestam-no várias

---

(31) Ib., IV, 742-744.
(32) De instit. virg., c.14:ML 16,340:cf. De virgin.:ML 16,221-223.
(33) MG 56,409s.
(34) MG 42,735;754.

homilias de Padres, pronunciadas nessas ocasiões e onde se fala da "solenidade da Virgem" (35), da "festa da Mãe de Deus" (36).

Antes do Concílio de Èfeso só em Alexandria e Antioquia se parece comprovar a existência de uma festa especialmente dedicada à Virgem, mas ainda como comemoração genérica de suas virtudes. Depois do Concílio haverá festas em relação com os principais feitos de sua vida: a Anunciação, a Natividade, a Morte e a Assunção ao céu. Disseminam-se então os templos em sua honra, embora já antes houvesse alguns: o próprio Concílio foi realizado "na grande igreja chamada Maria" (37). Pouco depois será ereta em Roma a Basílica de Santa Maria Maior, que ainda hoje persiste como o mais suntuoso templo dedicado à Mãe de Deus. Persiste como o marco de uma era cada vez mais impregnada da presença da Virgem na Igreja.

E aqui damos um fim a nossa muito sumária pesquisa. Embora omitindo muito documentário interessante e importante, cremos ter apresentado ao leitor as expressões mais características da evolução do culto a Maria, o culto mais espontâneo que poderia desabrochar na Igreja, depois do de Cristo.

O culto de Nossa Senhora não haveria senão de crescer e estender-se no decurso dos séculos, para refletir sempre mais a consciência que a Igreja tem de seu próprio crescimento em direção ao ideal, que é a santidade de Maria. Como outrora os Magos — primícias da Gentilidade — a Igreja continua a encontrar Jesus "com Maria sua Mãe", (Mt 2,11). E continua, por tôda a era de Pentecostes, a rezar a sua novena de Parusia, "com Maria Mãe de Jesus" (At 1,14).

O culto da Igreja se dirige essencialmente ao Pai, pelo Filho e no Espírito, mas é também essencialmente *"com Maria"*.

---

(35) Homilia pronunciada por S. Proclo, em Constantinopla :MG 65,680s.

(36) Homilia de Ático, citada depois no Concílio de Éfeso. Foi editada por Brière, em Révue de l'Orient chrétien, 29 (1933-1934) pp. 160-186; e por Lebon, em Muséon 46 (1933), pp.167-202. Cf. Jugie, "La première fête mariale en Orient," Echos d'Orient, avril-juin 1923; id., "La mort et l'Assomption de la Sainte Vierge", Cit. Vatic. 1944, p. 177s.

(37) Schwartz, Acta Conc. oec. I,1,3- Coll. Vat. 81,4.

"FOSTES BOM, SENHOR, PARA COM VOSSA TERRA."

Nestas primeiras palavras do Salmo 84, quando as ouvimos ou cantamos como batizados, como renascidos na Igreja de Cristo, encontramos naturalmente a expressão de um agradecimento, de um reconhecimento de homens de seres desta terra, diante de uma benção imensa dos céus, de um sinal de bondade de benignidade e de misericórdia, grande como o próprio Senhor dos céus e da terra. Dizemos que o Senhor foi bom para com sua terra, e como o poderia ter sido senão fazendo-se filho da terra, pertencendo a ela como fruto de suas

entranhas sem deixar de ser o Senhor eterno e infinito, fazendo-se concidadão e irmão dos que dela nasceram e nela traçam os caminhos de sua incerta peregrinação? A bênção do Senhor, a bondade de Deus para com sua terra encontra o máximo de sua realidade para nós, quando ela é a descida mesma de Deus à terra, como habitante da terra; quando se concretiza no mistério adorável da Encarnação do Verbo de Deus quando Jesus Cristo, Filho de Deus nasce da Virgem, como Filho do homem, para viver e morrer como homem verdadeiro entre aquêles homens, despojados dos dons gratuitos e da harmonia de natureza que certo dia possuiram. Renascidos no Cristo, olhamos para Deus como membros do seu Filho, oramos a Deus através de Cristo, oramos a Deus orando ao Cristo, e dizemos que Êle foi bom para com sua terra quando dela fêz a pátria do Cristo, nascido da Virgem. Natal é a grande bênção de Deus para a terra, é a própria efusão da bondade divina na realidade de um récem-nascido que é o Verbo de Deus, que é Deus feito homem.

A Liturgia de Natal ou, com mais propriedade, a Liturgia do Advento — êste é o tempo que nos prepara para receber a a vinda do Senhor — dá o sentido mais pleno e completo às palavras do salmista quando, limitado por seu quadro histórico, exprimia êle sentimentos ligados necessàriamente aos acontecimentos de sua própria época.

Assim, entendemos com a Igreja, sôbre a qual desceu o mesmo Espírito que um dia escreveu pelas mãos do Salmista, que a bênção do Senhor sôbre a terra é a própria vinda de Deus ao mundo, que isso significa fundamentalmente reconciliação, perdão, cessação da inimizade e da indignação divina. Pedimos com a Igreja que Deus dê plena execução a êsses seus designios de salvação, que os homens não desbaratem êsse rasgo da misericórdia, que não recaiam em sua loucura, que a vinda do Cristo seja a instauração da justiça e da paz pelo encontro nas estradas do mundo da misericórdia e da verdade. Que a obra salvadora do Cristo seja perfeita no encontro da benignidade, de tôda a bênção que se inclina do céu, com todos os bens que brotam da terra, renovada assim em sua fecundidade. Os passos de Cristo sôbre a terra serão precedidos pela própria justiça. Os marcos que seus passos deixaram sôbre o terreno fôfo que recebeu a boa semente serão cobertos com a efusão da Paz que Êle veio trazer ao mundo. Aí está em resumo o que pedimos nêste salmo 84.

É êsse mistério de espera da vinda da Redenção que se anuncia, é o sentimento de expectativa de sua realização sôbre a terra dos homens, é a previsão do que possa significar de regeneração, de renovação da face da terra a vinda maravilhosa de Deus Salvador às tendas dos homens, é tudo isso que a nova criatura, renascida no sangue do Cordeiro encontra no poema inspirado por Deus aos filhos de Coré que o compõem uns 500 anos antes do nascimento de Jesus.

O Salmo 84 refere-se em seu sentido histórico e literal, à volta dos filhos de Israel — os cativos de Jasó — de seu exílio babilônico à Palestina. É isso um prenúncio do favor de Deus, é uma bênção do Senhor. O Salmista pois canta louvores a essa misericórdia, pede que ela não seja vã, que se realize plenamente, que se possa ver definitivamente o povo de Deus reconciliado, regenerado na Justiça e na Paz. Assim se poderá dividir o Salmo 84:

I Parte: Oração ao Senhor para que confirme suas graças. (V2-8)

II Parte: Certeza do perdão . Antevisão do reino da Justiça e da Paz. (V.9-14)

1. Ao Mestre de Côro. Salmo dos Filhos de Coré.
2. Fostes bom, Senhor, para com vossa terra, trouxestes de volta os cativos de Jacó.
3. Perdoastes a iniqüidade de vosso povo, escondestes tôdas as suas faltas.
4. Depusestes todo o vosso furor, recuastes no ardor de vossa cólera.
5. Restabelecei-nos, ó Deus de nossa salvação, ponde têrmo à vossa indignação contra nós.
6. Permanecereis acaso para sempre encolerizado? prolongareis vossa ira de geração em geração?
7. Não tornareis acaso a nos dar a vida para que vosso povo se regosije em vós.
8. Mostrai-nos, Senhor, vossa misericórdia, dai-nos a vossa salvação!
9. Que eu ouça o que diz Deus, o Senhor. Êle fala de paz a seu povo e aos seus fiéis, para que não recaiam em sua loucura,
10. Sim, para os que O temem está próxima a sua salvação; e a glória voltará a habitar nossa terra.
11. A misericórdia e a verdade se reencontram, enquanto se abraçam a justiça e a paz.

12. A verdade brota da terra e a justiça se inclina dos céus.
13. O Senhor, enfim, dará todo o bem, e nossa terra todo o seu fruto.
14. Diante dÊle caminhará a justiça, e a paz sôbre o caminho berto por seus passos.

O verso 1.º do Salmo dá-nos apenas a indicação técnica de execução do canto "ao Mestre de Côro", e a indicação do autor: "os filhos de Coré", que constituiam uma das escolas levíticas à qual é atribuída a autoria de onze dos salmos do Saltério. (1) A bênção a que se refere o verso seguinte é como já dissemos e como o exprime o próprio verso 2, a volta dos cativos, a reinstalação do povo eleito em sua terra, libertos do cativeiro babilônico. Isso é sinal de propiciação divina; abrem-se perspectivas para um futuro mais coerente com as promessas de poder e felicidade proclamadas pelos Profetas quando entendidas num sentido de messianismo temporal.

As palavras dos versos 3 e 4 emprestam tôda a fôrça ao perdão divino. Deus escondeu tudo quanto poderia haver de vestígio das antigas faltas, para assim poder retirar sua cólera e seu castigo. A fôrça de tal reconciliação só foi perfeitamente exercida quando Deus viu, um dia, entre os homens, o homem perfeito, homem e Deus que ao ser concebido, o foi no seio de uma virgem, preservada de qualquer contacto com homem, e ela mesma, por fôrça da mesma concepção, preservada de qualquer mancha, de qualquer pecado, desde a sua própria concepção.

No quadro histórico da volta do exílio, essas palavras fortes que falam do perdão divino têm seu sentido, mas a situação dos libertos é ainda por demais insegura, quer sob o aspecto de sua atitude perante Deus, quer sob o aspecto de sua reconquista política de Jerusalém e do Templo, ainda cheia de obstáculos.

Assim se entende a premência da sentida prece do Salmista nos versos que se seguem, a começar por aquêle veemente: "Converternos Deus salutaris noste" (C·5), tão conhecido da Liturgia da Igreja. É o Deus da Salvação que é invocado, é um Salvador (2) que, se supõe, restabelecerá o povo num estado de reconciliação com Aquêle perante o qual o mesmo povo se apresenta como culpado. Os versos 6 e 7 passam à forma interrogativa, como que desafiando a Deus quanto à permanência de sua ira, de geração em geração,

quando os Profetas não se cansam de proclamar uma também incansável capacidade do Senhor de esconder o mal que lhe foi feito, para poder também esconder a sua cólera e aconchegar em seus braços o povo adúltero como o espôso à espôsa. A forma de interrogaão audaciosa dêsses versos supõe obrigatòriamente uma resposta de Deus: negativa para o castigo, positiva para o perdão. O Salmista termina pedindo não o perdão, mas a própria vida:

7. Não tornareis acaso a nos dar a vida para que vosso povo se regosije em vós?

Verso realmente tão positivo que a Vulgata já o traduz afirmativamente na tão conhecida jaculatória litúrgica: "Deus tu conversus vivificabis nos et plebs tua laetabitur in te". É nada menos que uma nova vida que terá de ser infundida nêsse povo para que êle volte a se alegrar em Deus. Foi para alegrar-se em si mesmo, para comprazer-se com sua própria ciência, com sua independência, com seu domínio sôbre tudo que o cercava, que o primeiro homem perdeu a vida divina que gratuitamente lhe fôra dada. Agora o povo de Deus pede que Êle lhe dê de novo a vida, que o favor de um resgate divino lhe seja concedido para que passe a regosijar-se nAquêle que é fonte de tôda a Alegria, de tôda a Beleza, de tôda a Bondade, em Deus. Cristo é a nova vida do mundo, é "vida, verdade e caminho". Só Êle poderá abrir caminho aos homens, caminho para a Alegria sem fim que é a vida na Eternidade de Deus que, através dÊle, se comunica a todos os homens. Porque sabemos que precisamos dessa vida, porque sabemos que perdemos o que não era nosso mas que tínhamos por absoluta liberalidade divina e que portanto não poderemos reconquistar por nós mesmos mas exclusivamente pelo dom do alto, porque sentimos a real distância entre Deus e os homens, oramos quase audaciosamente, com os desafios interrogativos do Salmista e, a i n d a mais, acompanhamo-lo também em sua humildade, em sua ternura, quando implora: "Ostende nobis Domine misericordiam tuam et salutare tuum da nobis" o verso que marca tão fortemente o tempo de grandiosa penitência, de confiante súplica do Advento:

8. Mostrai-nos, Senhor, vossa misericórdia, dai-nos a vossa Salvação!

Que o Salvador tenha descido, eis a misericórdia de Deus; porque precisávamos de misericórdia, por isso veio o Salvador. (3) Não se pede, explica Cassiodoro, que o be-

nefício da vinda do Senhor nos satisfaça os olhos carnais mas seja recebida pela puríssima visão do coração. (4) Pela *misericórdia* do Pai, o *Senhor* foi feito *Salvador*. Nessa frase está contido todo o sentido do verso. Pedimos que o Pai nos mostre a sua misericórdia; como o poderá fazer se não dando-nos o que mais precisamos: nada menos que a Salvação? Como nos dará a Salvação senão dando-nos o Salvador na pessoa do Filho que, da direita do Pai vem assumir a carne humana, vem ser homem entre os homens, para salvar os homens. Assim nos é mostrada ou demonstrada a misericórdia, enquanto recebemos a salvação por ela enviada Quando pedimos que nos seja mostrada a misericórdia não é para que ela seja vista, escondida sob o véu da carne, mas conspícua na claridade de seu poder; eis por que se acrescenta logo: e *dai-nos* a salvação como significando: dai-nos a vossa salvação, o salvador que é vosso para que seja nosso, dai-nos para ser abraçado, possuido, usufruido como dom da glória eterna. Ora, Deus nos mostrou a Misericórdia, envôlta na carne humana: a carne esconde o Salvador para os que não querem recebê-lo os que não dizem: "dai-nos", para aquêles de quem fala São João no Prólogo: "et sui eum non recuperunt". A carne que esconde, também revela o Salvador, para os que souberam ver através dela a potência divina, para os que não se limitaram a dizer: "mostrai-nos a misericórdia" mas acrescentaram: "dai-nos a vossa salvação". De fato é a infidelidade que faz com que alguns digam: mostrai-nos Senhor a misericórdia, mas quando esta se prodigaliza, não têm a fé e a fôrça suficiente para dizer: dai-nos — não nos mostrai apenas — dai-nos a vossa salvação. Os que crêem, são êles que assumem com tôdas as suas conseqüências essa segunda parte do salmo; dêles diz São João, no mesmo Prólogo, em contraposição aos primeiros "a todos os que O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" (1,12). É esta filiação divina, na fé da visão do Filho de Deus, Salvador, através do velamen da carne, a verdadeira Salvação que é, não mostrada apenas, mas dada como realidade definitiva na semente da vida divina que Deus deposita no fundo de cada alma que recebe o Cristo como Salvador, como enviado de sua misericórdia. Pedimos que nos seja dada a vida (V.7) e uma nova vida de filhos de Deus nos é dada no Filho de Deus; pedimos que se nos dê a Salvação de Deus e o Filho de Deus, Salvador, nô-la dá, fazendo-nos Filhos de Deus, irmãos seus, coerdeiros de seu Reino.

II Parte: Certeza do perdão (V.9-14).

Depois das comoventes súplicas do Salmista, o Senhor vai falar, e aquêle que pediu prepara-se para ouvir a resposta, exortando-se a si mesmo para que a ouça, ou dando a palavra na primeira pessoa a cada um que fará suas as palavras do salmo. A palavra dita por Deus é *Paz*. Paz ao seu povo e a seus fiéis, contanto que não recaiam na impiedade. S. Jerônimo diz com violência: "non convertantur ad stultitiam", contanto que não voltem à estupidez. A linguagem dos salmos designa comumente pela palvra "loucura" a incredulidade ou impiedade, o que é uma maneira metafórica de dar expressãosão bem concreta a uma verdade. Que pode haver de mais louco que negar a própria fonte de qualquer afirmação e de qualquer conteúdo que esta possa ter? A misericórdia de Deus enquanto nos é manifestada é o próprio Cristo que nos é dado; a Paz de Deus é o Cristo Senhor a quem se refere o Espírito Santo falando de sua Encarnação. O Deus de Abraão sempre foi fundamentalmente, para com seu povo, um Deus de Paz, um Deus do Pacto, da Aliança. Nunca seria tarde para se pensar numa renovação dessa Aliança de Paz, de resto sempre de novo e mais convictamente anunciada pelos Profetas mais recentes. Deus nunca negara sua aproximação de paz quando atraído pelas virtudes fundamentais exigidas pelo pacto. Por isso, fala o Salmista que a paz estará sôbre os fiéis que se reintegraram da dispersão do exílio, não recaindo em suas loucuras; e em seguida:

10. Sim para os que o temem está próxima sua salvação, e a glória voltará a habitar nossa terra.

O temor de Deus é uma dessas atitudes estruturais, de absoluta necessidade para preparar a paz com Deus, para abrir caminho para a sua salvação. (5) O temor de Deus é início da sabedoria, é início de algo que o substitui: o amor de Deus, que põe fora o temor mas não totalmente pois enquanto estivermos nêste mundo, sujeitos à própria fraqueza da natureza humana, por maior que seja o amor que a criatura tenha a Deus, não lhe faltará um considarável temor de vir a perder o que tanto aspira. Quando a salvação se consumar, o temor desaparecerá, ficando só o amor. Enquanto a salvação apenas se aproxima, abre para ela caminho o santo temor de Deus. A Salvação que virá, fará com que brilhe a glória de Deus sôbre a terra. O povo eleito, em sua fase mais brilhante, conhecera um reflexo dessa glória que se manifestara no primeiro templo de Salomão com todo o esplendor de suas riquezas. Agora, volta despojado o povo do exílio. Os profetas porém não se calam. Ageu revela a palavra do Senhor. Per-

gunta retòricamente por quem tenha conhecido o esplendor do primeiro templo. Todos conhecem, sim, a miséria da atual situação. O Senhor entretanto fala por êle: enche de coragem o povo, diz que está a seu lado, lembra o pacto contraído à saída do Egito. Êle é o Senhor dos exércitos e das riquezas; fará estremecer terras, mares e continentes. As riquezas de todos os povos afluirão "encherei esta casa com minha gloria". "O esplendor desta casa ultrapassará o da primeira. Sim nêste lugar farei reinar a paz, diz o Senhor dos exércitos". (6) Quando ouvimos a palavra profética com a distância no tempo que dela nos separa, então bem podemos compreender que Deus não manifestará essa glória anunciada, através da nuvem luminosa que da primeira vez encheu o templo salomônico, não, mas a glória, superior à primeira, vem na pessoa de Jesus, seu Filho, feito homem: "Et vidimus gloriam eius quasi Unigeniti a Patre plenum gratiae et veritatis", como diz São João em seu Prólogo (1,14) para exprimir que vimos a glória do Verbo que se fêz carne e habitou entre nós. Cheio de graça e verdade diz o Apóstolo. O mesmo diz o Salmista no verso seguinte:

11. A Misericórdia e a verdade se reencontram
enquanto se abraçam a Justiça e a Paz.

A grande e boa nova da era messiânica é o encontro sôbre a terra dos magníficos atributos divinos que em nossos limites humanos mal podemos conceber juntos e em grau infinito. O Filho do Homem veio pôr-nos em contacto mais próximo com essas grandes verdades, obscuras e distantes para o homem decaído. A Misericórdia é bondade, é graça; a verdade é fidelidade de Deus em fazer o bem para conosco. De uma ou outra dessas formas, se traduzem tais dotes divinos nos outros lugares do livro dos Salmos ou dos profetas em que aparecem mencionados. (7) Para os antigos Padres, aparecia aqui uma alusão aos dois testamentos que harmoniosamente se encontram na pessoa de Jesus. O velho: a verdade, a justiça; o novo: a misericórdia, a paz. O Cristo é realmente a aliança nova e perfeita entre Deus e a humanidade, trazendo para esta uma redenção, uma salvação completa que revoga tôdas as tentativas frustradas, porque meramente humanas, de justificação da humanidade decaída, diante de Deus. Êle é a aliança de Deus não apenas com uma parcela de humanidade, com o povo eleito, mas com todos os homens, quebrando a muralha de separação, a inimizade, a distância entre circuncisos e incircuncisos, como diz São Paulo na Epístola aos Efésios: "em Jesus Cristo, de longe que

que estaveis outrora, passastes a estar agora próximos pelo seu sangue. É Êle a nossa paz, Êle que de dois fêz um só povo, abatendo o muro de inimizade que os separava, aniquilando em sua carne a Lei, suas ordenações e prescrições. Queria com isso, dêsses dois povos fazer uma só humanidade nova pelo restabelecimento da paz e reconciliá-los um e outro com Deus, reunidos em um só corpo pela virtude da cruz, sôbre a qual aniquilou a inimizade. A vós, que estaveis longe, Êle veio para anunciar a paz, a paz também aos que estavam perto, é por Êle, com efeito, que uns e outros temos acesso ao Pai "em um mesmo Espírito" (2,13-18). Misericórdia e verdade se excluem mas se abraçam, resumem a obra salvadora de Cristo, não através de uma Lei dada a uma parcela apenas da humanidade para prepará-la para uma missão especial no plano da redenção, mas através da Graça, do Amor e da Paz que se difunde pela humanidade inteira, justificando-a diante do Pai, unindo-a num só corpo, vivificado por uma só alma: o Espírito Santo; dirigido por uma só cabeça: o Cristo, para uni-la com o seu princípio por um vínculo de amor. É isso que se chama paz. Realizou-a Cristo Jesus por sua Encarnação, pelo mistério de sua Morte e Ressurreição.

Dessa Encarnação maravilhosa, dessa maravilhosa união de todo o divino e de todo o humano na segunda pessoa da Trindade, em Jesus Cristo, filho de Deus e filho da Virgem da real estirpe de Davi, falam-nos os versos seguintes quando dizem:

12. A Verdade brota da terra
    e a Justiça se inclina dos céus.

13. O Senhor, enfim, dará todo o bem
    e nossa terra todo o seu fruto.

Como nascimento da carne que vem ao mundo através da carne de Maria referem-se as Profecias ao nascimento do Salvador, nem escondem que a plenitude dos dons do céu habita nÊle. Assim Isaias (11,1-4):

"Da raiz de Jessé (8) brotará um ramo"
Um ramo crescerá de suas raízes,
Sôbre êle repousará o Espírito do Senhor,
Espírito de sabedoria e de inteligência
Espírito de prudência e de fortaleza
Espírito de ciência e de temor do Senhor.
Êle não julgará pelas aparências
Mas julgará os fracos com justiça."

É assim que aquêle que diz ser a Verdade — e o caminho e a vida — brota da terra, reune em si o que a terra pode produzir de melhor: para que êsse brotar se desse da melhor terra, séculos de cultivo foram necessários, todo um povo separado, trabalhado, educado, conduzido, castigado, para que dêle, num momento dado, da terra fecunda e virginal nascesse a Verdade eterna, feita carne, tangível, aparente aos homens. Sôbre ela desce a Justiça de Deus, a plenitude da Sabedoria, a plenitude da Lei — da Lei antes dada domo pedagoga — vem como amor, como verdadeira plenitude. 'A Justiça se inclina dos céus" é a Santidade que se identifica com Deus que desce à terra para ser difundida sôbre ela, pelos caminhos onde passar a Verdade. Da terra brotou a verdade porque um homem perfeito, sem marca do pecado, sem defeito e sem tara nasceu entre os homens. A Justiça se inclina dos céus, pois Deus nasce na terra sem jamais deixar de estar nos céus: "aquêle que nasceu da terra está sempre no céu, apareceu na terra sem deixar o céu".(9)

Deus que se inclina do céu para habitar a terra unido à natureza de verdadeiro homem, dá, com isso, à humanidade todo o bem. O bem que deu com a Encarnação do Verbo prossegue, através da Igreja, por todo o tempo em que a Redenção do Cristo se estiver propagando pelos séculos da história dos homens, estiver caminhando de casa em casa pelos caminhos do mundo. É assim que Deus continuará a dar todo o bem, enquanto a graça do Cristo, que se inclina dos céus, se difunde amplamente sôbre os corações dos homens: "O Senhor enfim, dará todo o bem, e nossa terra todo o seu fruto" (v. 13). É assim também que nossa terra que deu o fruto da Verdade na carne do filho da Virgem, continua e continuará a dar todo o seu fruto, na medida que o bem, que a misericórdia, que a graça se inclinam dos céus. Aí está a Igreja completando, dia por dia, ano por ano, de geração em geração, o corpo perfeito do Cristo em seus inumeráveis membros. Ela é o celeiro dos frutos da terra, produzidos por aquêle todo o bem que vem do céu e do qual também ela é a depisitária. Nela se encontram o dom do céu a ser distribuído e o fruto da terra a ser recolhido, pois ela é a extensão dAquele que, um dia, ao nascer entre os mortais, reuniu a verdade da terra com a justiça que do céu se inclinou.

A justiça realmente precedeu sua vinda ao mundo. pois a Lei que foi dada a Moisés foi uma inicial preparação do

terreno para a vinda do Cristo. Os profetas anunciaram e o Evangelho confirmou que alguém O precederia com a fôrça de Elias para preparar seu caminho, retificar as estradas por onde passaria o Rei. Eis a missão do Precursor, João Batista, de certo modo descrita pelo último verso do salmo quando diz:

"Diante dÊle caminhará a Justiça
e a paz sôbre o caminho aberto por seus passos".

É entretanto Jesus mesmo que faz preceder sua ação Salvadora pelo advento da Justiça. Êle vem para que tenham a vida e a tenham em plenitude, Êle vem como plenitude da Lei, como portador do mandamento vivo do amor, Êle vem para instaurar uma Paz fundamental entre Deus e a humanidade. Ora, nada disso seria possível sem o domínio prévio da Justiça, sem o desejo da conversão, sem o abandono do caminho do pecado para um abraçar da nova vida em Jesus Cristo; a paz não seria a verdadeira paz sem uma mudança do mal para o bem, sem uma mudança de mente: metanoia, da servidão ao mundo para a servidão a Deus que é libertação para a Eternidade. Não há caridade sem justiça como nem paz sem caridade e justiça. A justiça remove os obstáculos que impedem a união, a caridade faz com que se unam aquêles entre os quais não há obstáculos, pois removidos pela justiça; o que se obtém dessa união da caridade é a própria Paz que será sempre um "opus iustitiae" uma obra, um fruto da justiça. A grande mensagem evangélica de Cristo se poderá pois resumir nessa justiça que se antecipa e nessa paz que pousa onde o trabalho da Graça já operou. Assim a primeira palavra do Cristo é a da conversão, é a da justificação, da renúncia ao pecado para abraçar os mandamentos. As bemaventuranças que constituem a suma da felicidade autenticamente cristã, conforme são apresentadas por Jesus no Sermão da Montanha e que são definidas como os atos mais exímios de tôdas as virtudes, incluem uma ideologia bem marcada de crescimento da renúncia às coisas do mundo até à suprema união do homem com Deus. Por isso, Sto. Tomás afirma que a ordem da enumeração das bemaventuranças é convenientíssima. Elas nos afastam do que nos pode afastar de Deus: as riquezas, os prazeres; elas nos levam às virtudes positivas, ativas, entre as quais a própria Justiça; elas nos levam à pureza interior que nos dará a visão da caridade; por fim, elas nos dão a Paz, dizendo: bemaventurados os pacíficos pois serão filhos de Deus. Assim se completa a obra do Cristo: Justiça e Paz que se osculam,

Paz que se instala sôbre os sulcos abertos pela Justiça, Paz que nos dá a plena união com Deus no mistério da filiação divina: Beati pacifici, quia filii Dei vocabuntur".

Eis aí pois o Salmo 84 que nos fala do Advento do Salvador, através do qual pedimos que a misericórdia nos seja demonstrada e a Salvação nos seja dada. Pedimos a vida e a vida nos é dada pela descida do céu à terra, pelo encontro da Misericórdia e da Verdade, da Justiça e da Paz, pelo encontro da terra no que ela tem de melhor com o dom do alto, na pessoa do Verbo Encarnado. Êle instaura a Justiça e a Paz e os que o seguem até o fim, os que se fazem pacíficos como Êle que é o príncipe da Paz, também, com Êle, renasceram na filiação de vida, como Êle o é natural, êstes são filhos de Deus adotivos e têm sua herança no Reino da Paz. Por tudo isso cantamos com o Salmista: "Benedixisti, Domine, terram tuam".

NOTAS

(1) Coré era descendente do levita que por ambição se rebelou contra Moisés (Num 16). Seus filhos escaparam maravilhosamente do fogo que eliminou o pai (Num 16,11). Os filhos de Coré exerciam funções de ostiários do templo (1 Cron 26,19). Ver Castellino Libro Dei Salmi, La Sacra Bibbia, Marietti 1955, p.15.

(2) Deus de nossa salvação quer afinal dizer Deus nosso Salvador. Como o nome de Jesus significa Salvador, S. Jerônimo não hesitou em traduzir o v. 5: "Deus Jesus noster" o que entretanto não passou para a Vulgata como no livro de Habacuc: "exsultabo in Deo Jesu meo". Ver Pannier-Renard "Les Psaumes", La Sainte Bible, Pirot-Clamer, t. V. Paris 1950, p. 467.

(3) Ver S. Jerônimo, Tract. in Psalmo Corpus Christianorum S. L. 78, p. 104.

(4) Expositio Psalmorum (Ps.84) Corpus Christianorum S.L.98, p.776.

(5) Ver as palavras com que o Eclesiástico abre seu livro, falando da sabedoria e do temor de Deus "O temor do Senhor é uma glória, é motivo de glória, uma fonte de alegria, uma coroa he felicidade. O temor do Senhor alegra o coração. ---- O amor de Deus uma sabedoria digna de ser honrada". (Ecles. 1,11 etc.)

(6) Ageu 2, 1-10.

(7) Ver os salmos 42, 71, 83, 88 e os caps. 11 e 65 de Isaias.

(8) Jessé é Isaí,pai de Davi.

(9) Ver S. Jerônimo, obra cit. p. 108.

O SALMO 84

Benedixisti, Domine, terram tuam

☆ ☆ ☆

que se inicia com as palavras: "Benedixisti Domine terram tuam" foi caracterizado pelo estudo que a êle dedicamos, como um salmo que canta a vinda do Senhor. Êle nos fala da bênção de Deus sôbre a terra, fala-nos da misericórdia, da justiça, da vida, da salvação e da Paz que descem sôbre a terra como um grande dom da Redenção. Tudo isso é cantado como algo de esperado, de desejado, mas já prenunciado, pregustado. É fácil verificar que esta rica mensagem só adquire seu verdadeiro sentido, sua devida dimensão na figura do Messias, na obra redentora do Cristo. Compreende-se pois que a Igreja tenha tomado a êste belo salmo alguns de seus versos mais fortes e expressivos para fazer dêles a oração do povo cristão em alguns dos textos da Liturgia do Advento.

Advento é expectativa do Natal, é participação da grande espera da humanidade pelo dia único da História em que Deus nasceu como homem. Êsse dia histórico é revivido por nós que tivemos a ventura de vir ao mundo na vertente histórica de uma humanidade resgatada por Cristo, êsse dia é revivido por nós no mistério da presença da Eternidade

no tempo que é o mistério da vida da Igreja, principalmente manifestado por sua Liturgia. O Advento significa pois para nós a comemoração de algo de passado, mas que está sempre presente e por isso pode ser sempre esperado: a graça de uma sempre mais perfeita atualização da Redenção em nós. Além disso, é algo que se apresenta como verdadeiro objeto da virtude da Esperança, pois algo que é esperado como a plenitude de uma vinda definitiva, algo que interromperá o tempo, qualquer que seja a curva em que êle se encontre, como uma presença gloriosa que nos deixará de um momento para outro incapazes sequer de conceber o que seja um têrmo, um fim, um extinguir-se. Eis o dom perfeito da misericórdia, eis a mais completa libertação, eis a vida, eis a Paz.

Compreende-se pois que cantemos o Salmo "Benedixisti' na liturgia do Advento. Dentro dos limites dêste rápido estudo, examinaremos apenas a aplicação dos versos 2, 7, 8 e 13 do Salmo 84 a alguns dos textos das missas do Tempo do Advento.

* * *

O verso inicial "Benedixisti, Domine, terram tuam, avertisti captivitatem Jacob" que traduzimos: "Fostes bom, Senhor, para com vossa terra, trouxestes de volta os cativos de Jacó", é usado como Salmo no Introito "Gaudete" do 3.º Domingo do Advento. O texto de São Paulo aos Filipenses que fala da alegria no Senhor, que fala da modéstia dos que têm essa alegria, modéstia que se manifesta a todos; que fala inda da falta de perturbação com as coisas do mundo por causa da possibilidade e da fôrça da oração, apresenta êsse mesmo texto paulino como conceito central, como motivação fundamental dos sentimentos e atitudes citados, uma simples afirmação: Dominus prope est" — "O Senhor está próximo". Êsse é também motivo para que se cante, como que em resposta ao convite e ao anúncio do Apóstolo, na fórmula cheia de alegria do 1.º modo gregoriano, o verso "Benedixisti Domine terram tuam", verdadeira exclamação de entusiasmo pela bondade de Deus que se fêz próximo. Diga-se aqui de passagem, pois o texto não pertence ao Advento, que os últimos domingos depois de Pentecostes que repetem sempre o mesmo Introito: "Dicit Dominus" têm como verso salmódico êste mesmo que acabamos de considerar. No texto dêste último Introito, o Senhor nos diz que não tem para

conosco pensamento de castigo mas de Paz: invocar-me-eis e eu vos ouvirei e vos libertarei de vosso cativeiro onde quer que estejais. A êste texto do Profeta Jeremias (29,11-14) que fala da libertação dos cativos de Babilônia, que fala da aliança de Paz que Deus contrairá definitivamente com êles, a êste texto bem se aplica a exclamação "Benedixisti" do Salmo 84 que também diz: "trouxeste de volta os cativos de Jacó". O texto de Jeremias é um anúncio da Redenção como o é o nosso salmo que assim se encontra excepcionalmente, fora do quadro temporal do Advento, mas não fora do seu espírito e da sua mensagem.

O verso com que se abre o Salmo 84, não é recebido contudo pela Liturgia apenas como verso do Intróito. É êle cantado também em uma peça de grande categoria do repertório gregoriano, o Ofertório do 3.º Domingo do Advento que passaremos a considerar.

O Ofertório "Benedixisti"

É num quadro cheio de alegria e de confiança que se coloca nosso Ofertório em meio aos textos do Domingo "Gaudete". A epístola expõe êsse tema de alegria. O Gradual e o Alleluia em texto de grande vigor descrevem-nos o poder do Deus que se assenta sôbre os querubins, e a quem nos dirigimos, com a audácia do Salmista, incitando-o a pôr em ação sua divina potência e vir para nos salvar: "Excita, Domine, potentiam tuam et veni ut salvos facias nos". Essas notas exaltadas de vigor poético ou melhor de vigor profético são de certo modo quebradas pelo realismo de sabor mais humano ou mais ao alcance dos nossos conceitos de homens, mas não menos envolvido numa nuvem de profundo mistério, das palavras do Evangelho. É o Evangelho de São João transcrevendo-nos a mensagem do Batista: "Meu batismo é apenas de água, mas no meio de vós está alguém que não conheceis, é o que deve vir depois de mim e que no entanto já existia antes de mim". É diante dêste anúncio de que o que exitsia há de vir e até já está no meio de nós que, no momento de levar ao altar as oferendas humanas que servirão de matéria para uma outra vinda real do Cristo ao mundo para oferecer incruentamente ao Pai o mesmo Sacrifício que um dia ofereceu sangrento sôbre a Cruz, que exclamamos o "Benedixisti, Domine": "Foste bom, Senhor, para com vossa terra, trouxestes de volta os cativos de Jacó. Perdoastes a iniqüidade de vosso povo".

A peça gregoriana num tranqüilo 4.º modo mantém a divisão nítida das três frases do texto literário. A primeira é muito simples, com predominância em *mi*. Atinge a dominante e mesmo o *do* superior mas muito de passagem, para cadenciar em *mi*. É meditativa, simples, com um ligeiro crescendo para o polo expressivo mas delicado em "terra" que logo se resolve e decresce. A segunda frase é bem mais viva e decidida, ganhando-se logo o recitativo em *la*. Não tende entretanto para o agudo e se compraz com os melismas sôbre a última sílaba de "Jacob", com bom apôio logo em sua primeira nota, em *re* desagregado que serve de partida para uma evolução até ao *la*, volta ao *ré*, retôrno ao *sol* de onde se parte para uma passagem pelo *dó* superior, cadenciando no *sol*. Tudo isso com muita leveza e num estrito ligado. A carência em *sol* da segunda frase foi apenas uma etapa no jôgo que se estabelecera. A 3.ª frase parte de novo do *re*, mas agora chega logo ao *dó* em cuja corda estabeleceu um recitativo com bordadura no acento tônico de "iniqutatem", ponto mais alto da peça. Mas logo declina voltando à insistência sôbre o *sol* onde faz cadência. A esta se juntam os três neumas finais que levam ao *mi*. Em suma as três frases constituem um progressivo crescendo, mas cheio de delicadeza, de paz, de íntima compenetração de palavra e música na realidade profunda que ambas significam: um reconhecimento da bênção, da infinita bondade de Deus em seus designios.

O Ofertório "Deus tu convertens"

Êste canto do Ofertório do 2.º Domingo do Advento toma para si os dois versos centrais do nosso salmo 84. São aquêles dois versos, o 7.º e 8.º em que o Salmista pede, em nome de todo o povo, para que Deus, se voltando para êle, dê a vida e a alegria; pede-lhe que mostre sua misericórdia e dê-nos sua salvação. Eis o texto latino um tanto diverso do original, a que já nos referimos no comentário ao salmo 84: "Deus tu convertens vivificabis nos, et plebs tua laetabitur in te: ostende nobis Domine misericordiam tuam, et salutare tuum da nobis". Ainda aqui, o Ofertório, todo voltado para a parte sacrifical da grande dramaturgia da Missa, reflete e liga a esta parte central, o que foi proclamado na parte imediatamente anterior, na liturgia da palavra que culminou com o Evangelho. Nêste, o Evangelista São Mateus nos conta que, a João Batista, no fundo do cárcere,

que está ansioso por saber se aquêle novo profeta é mesmo o que há de vir, Jesus mandou que se consignasse apenas a seguinte senha mais que esclarecedora: "Dizei a João apenas o que vêdes e ouvis: os cegos vêem, os coxos caminham, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, os pobres recebem a Boa Nova..." O Cristo é a vida, é a fonte da alegria, é a misericórdia que difunde a salvação para nos ser dada. Pedimos, com o salmista, que Êle seja isso para nós, que Êle se volte e vivifique, que demonstre a sua misericórdia e salve. Será seu poderoso advento para nós.

O canto dêsse Ofertório do 3.º modo se apresenta com uma nota muito marcante de confiança e de alegria e desde a entoação, a melodia se lança para uma nota culminante que será a sua dominante freqüentada de modo quase retilíneo. Essa insistência pode ser notada na peça quase tôda, entretanto as duas primeiras frases têm índole mais decidida de confiança e de entusiasmo dentro de muita leveza. A terceira frase que se abre com o belo "ostende" de amplos intervalos, sem perder a segura nota de confiança e de alegria, deixa transparecer a humildade de uma prece, especialmente quando os apôios se tornam mais freqüentes sôbre o "mi" que caracterizam a palavra "misericórdia" cheia de expressão. A quarta frase reganha tôda a pujança inicial da peça na palavra "salutare" e naquele imperativo "da", expressão de grande confiança, ficando a melodia no âmbito estrutural da quarta *sol-do*, que nos é dada pela edição Vaticana, provàvelmente pouco fiel à versão mais autêntica que preferiria a dominante si natural, o que seria suficiente para dar a tôda a peça um caráter bem mais humilde e suplicante. O neuma final de "nobis" cai com leveza sôbre a cadência em *mi* que encerra a peça.

O Alleluia "Ostende"

O Alleluia do primeiro Domingo do Avento tem como verso aquela súplica do Salmista, o versículo oitavo do Salmo 84 que é também cantado no Ofertório que há pouco estudamos e no Gradual "Ostende" que ainda examinaremos.

Dom Mocquereau dedicou a êste Alleluia com o verso "Ostente" tôda uma monografia das chamadas "Monographies Grégoriennes" (Desclée, 1911) que é um modêlo de estudo erúdito e técnico de uma peça gregoriana. Visa antes de tudo o autor o estudo do ritmo, partindo da análise mais

minuciosas dos grupos para a síntese das frases. Todo o seu estudo entretanto se faz na base da comparação do texto da edição Vaticana com o texto do manuscrito sangalense. Do confronto de ambos surge o texto chamado solesmense que é o texto da Vaticana com os sinais rítmicos e expressivos da tradição manuscrita. Não são poucas as observações de grande interesse dessa monografia sob os diversos aspectos dos quais uma peça pode ser conhecida.

O versículo "Ostende" é uma das mais ardentes súplicas que servem ao espírito da Igreja no tempo do Advento. É um pedido de misericórdia, mas impregnado de confiança, de segurança e por isso de paz e de alegria. O verso "Ostende" foi sempre, sem exceção, o verso do Alleluia do 1.º Domingo do Advento. Constância que é de se notar, observa Dom Mocquereau, pois a escolha dêsses versículos era deixada ao critério dos cantores em outros tempos do Ano Litúrgico. Isso demonstra a especialíssima conveniência dêsse verso para inaugurar êsse tempo em que imploramos com a Igreja a vinda do Cristo na efetivação sempre crescente de seu mistério salvador: "et salutare tuum da nobis". A melodia é muito antiga e remonta à primeira época gregoriana. Ela faz parte de um pequeno grupo de cantilenas "tipo" às quais com facilidade se adaptaram textos diversos, como vemos com os graduais do 5.º modo ou tractur do 2.º. A melodia do nosso Alleluia é encontrada com dez versículos diferentes no Gradual Romano sendo que tôdas essas aplicações datam de muito e se encontram nos mais antigos manuscritos. A melodia e o texto do versículo "Ostende" entretanto combinam com tanta felicidade que podemos sem temor afirmar —diz-nos Dom Mocquereau — que estamos em presença da melodia primitiva e original.

A palavra "Ostende" é lançada com segurança imperativa na corda dominante do 8.º modo. "Domine" vai mais alto com uma virga longa no *ré* logo seguida de climacus "celeriter" partindo do mesmo *ré*. Em seguida a peça se desenvolve com neumas leves até à pequena barra, bem no meio do melisma sôbre a palavra "tuum". De fato a cadência em *la* do inciso é feita de duas notas que se alongam para fazer a passagem, do movimento de grande leveza em que se vinha, para o torculus longo, de grande expressão, logo seguido de neumas "celeriter" que se deixam seguir por duas clivis longas, mas que reaparecem em sua leveza no climacus e na clivis imediatamente antes da cadência de "tuum". Dom Mocquereau se compraz em mostrar como

tantas cadências gregorianas têm o marcado pendor de serem feitas em plena leveza de movimento. É êsse um ensinamento surpreendente que nos é fornecido abundantemente pelo recurso aos manuscritos. Acreditando na autoridade dêsses mestres silenciosos mas eloqüentes, aos poucos, ou mesmo bem depressa verificamos como êles têm razão, como é de uma finura musical incomparável a arte que êles nos transmitem. Em "da nobis" o côro todo entra com vigor de expressão maior. O texto aqui nos revela uma nuance expressiva não das mais fáceis de ser executada. Trata-se do alongamento daquele par de notas que, a partir da cadência que precede o penúltimo inciso, se repetem na seguinte ordem: la-sol, sol-fa, la-sol, sol-fa, inciso, la-sol, sol-fa e que fazem um arco longo no grave, estabelecendo ora distinções de palavras musicais, ora preparando notas longas cadências. Mom Mocquereau cita uma edição solesmense que tem essas notas alongadas com episemas. Não é o que encontramos nas edições atuais. Talvez a dificuldade de se encontrar o sentido musical dessas notas longas, tenha aconselhado a simplesmente deixá-las como estão sem os sinais que se encontram nos manuscritos.

Com essa bela e entusiástica peça que entretanto não perde sua nota de serenidade, canta a Igreja seu ardente pedido da vinda da Salvação, no limiar de cada ano litúrgico, segura do pedido, porque segura do que pede e conhecendo o poder daquele a quem pede. Aquêle a quem pedimos tem mais forte o desejo de nos dar, que nós, em nossa tibieza, o ardor de pedir; espera apenas que peçamos para nos dar mais e mais tudo aquilo que já nos deu, antes mesmo que soubessemos como pedi-lo.

Gradual "Ostende"

Trata-se do Gradual da 6.ª-feira das Têmporas do Advento que toma o mesmo versículo 8.º do salmo 84 para a primeira parte da peça — o RG (Responsório Gradual) como chamada pelos manuscritos antigos — recorrendo ao 2.º, isto é ao: "Benedixisti" para verso do Gradual. Como se vê, são cantados os dois versos mais característicos do nosso salmo em relação à liturgia do Advento. A peça do 2.º modo

aparece com a bela escrita sangalense do manuscrito mais antigo, o Cantatorium. Tôda a primeira frase parece ser original dêsa peça. A segunda frase já assume uma das mais freqüentes de Gradual do 8.º modo, indo assim até ao ffim. Infelizmente, tratando-se de peça ferial, não é ela cantada em nossos dias senão em um ou outro côro monástico.

Comunhão "Dominus dabit benignitatem"

Eis aqui o 13.º verso do salmo 84 que traduzimos: "O Senhor, enfim, dará todo o bem, e nossa terra todo o seu fruto", assumido como Antífona da comunhão do 1.º Domingo do Advento. Como já vimos ao abordar o sentido profético dêsse verso. sua significação messiânica é bastante clara: o Bem que em sua totalidade será dado pelo Senhor não pode ser senão o próprio Senhor que se dá na pessoa do Filho. A humanidade que êste assume em sua Santíssima Encarnação é o fruto mais perfeito da terra dos homens, oferecido a Deus pela Santa Virgem, como tabernáculo do Altíssimo: Benedictus fructus ventris tui.

Cantando êste verso: "Dominus dabit benignitatem et terra nostra dabit fructum suum" como antífona da Comunhão, é naural que se saliente seu aspecto eucarístico. A própria Eucarística é a vinda total de Deus, como todo o bem, sob as aparências do fruto da terra: pão e vinho, cujas substâncias são maravilhosamente mudadas no próprio corpo de Deus. Isso se aplica à Eucaristia enquanto Sacramento e conseqüentemente também enquanto é comunhão, isto é, enquanto alimento sobrenatural e divino recebido pelos cristãos. É Deus que se dá na totalidade de seu Amor, maior bem e maior bênção que possa existir e, de outra parte, é o cristão que dará seu fruto de vida cristã, fruto que vale para a ternidade, na fôrça daquele alimento.

Musicalmente, trata-se de uma pequena peça, apenas duas curtas frases, num primeiro modo muito expressivo. Especialmente a primeira frase: "Dominus dabit benignitatem" é marcada com neumas manuscritos de grande vigor. Assim a palavra "Dominus" na sua sílaba tônica e nas notas descendentes da última sílaba "Dabit" tem am ambas as sílabas neumas de vigor expressivo. A última palavra sobe ligeiro para o acento tônico que é também o polo melódico e expressivo de tôda a peça. Tôda a frase deve ser

considerada e cantada numa visão muito sintética de todo o seu sentido. A segunda frase é bem mais humilde em seu contôrno melódico o que bem combina com o sentido literário da mesma que se refere ao aspecto humano e terreno desta grande aliança entre Deus e a humanidade, que é anunciada por todo o salmo 84 e que é o tema do Advento. Realmente, meditando sôbre êsse salmo e sua aplicação à Encarnação do Filho, temos que dizer, como os santos costumam dizer, que Deus sendo sumamente bom e fonte de todo o bem, só pode ter uma atitude para com a humanidade: a de quem quer bem; só pode ter um dom: a bênção, o bendizer: "Benedixisti Domine terram tuam".

Uma Revista de Formação através da Liturgia.

Uma Revista que lhe fala da Liturgia da Igreja, de sua Espiritualidade, de seu Canto, da Sagrada Escritura vivida e cantada.

Eis a

REVISTA GREGORIANA

Orgão do "Instituto Pio X do Rio de Janeiro"

Direção de D. João Evangelista Enout O. S. B. e de Irmã M. - Rose Porto O. P.

Crônica Litúrgica e Crônica de Livros e Discos

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

Procure conhecer, apreciar e divulgar a

REVISTA GREGORIANA

Bimestral — Assinatura de Janeiro a Janeiro Cr$ 200,00
Número avulso Cr$ 25,00

Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro

RITMO e MODALIDADE

Das sínteses parciais à síntese total

☆

Vimos, em rápido exame de cem anos da história solesmense, a edificação da síntese parcial rítmica, modal, estética segundo as duas dimensões spatio-temporais do canto gregoriano e o plano de abstração que apenas considera os caracteres mais gerais. E isto não foi senão a fase analítica do nosso trabalho de hoje; precisamos agora passar para o plano superior da síntese total, para a "síntese das sínteses" tal qual se operou nêstes últimos anos, sob nossos olhos e de que nós temos todos sido testemunhas e alguns mesmo foram os artífices...

O que distingue a *síntese parcial* (complexa, completa em sua ordem) da *síntese total*, é que as sínteses parciais se constituem pelo encadeamento de pequenas sínteses que ficam homogêneas umas com as autras, e por terem a mesma finalidade restrita: vejam, por exemplo, todos os degraus da síntese rítmica que chegam ao ritmo do canto gregoriano,

muitas vêzes identificado aliás com o canto gregoriano simplesmente. Pelo contrário, a síntese total se dá a partir de elementos heterogêneos, de sínteses a objetos e a finalidades diferentes: assim ritmo e modalidade, que constituem as duas dimensões do canto gregoriano, se juntam numa síntese que envolverá o canto gregoriano todo inteiro: síntese total.

I. PARA A SÍNTESE TOTAL

A. Nascimento dos Cursos e Semanas de Estudo de Aperfeiçoamento.

A idéia, a necessidade de uma aproximação entre as diversas disciplinas que tinham operado separadamente sua própria síntese, desde algum tempo estava tomando corpo. O ensino gregoriano se distribuia em quatro anos, nem um mais, nem um menos... Será que se pode crer que no fim dêsses quatro anos já se sabia tudo o que se deve saber? Não é pròpriamente isto! Coube aos professôres e aos alunos a honra de terem pensado na necessidade de um quinto ano, para que se pudesse confrontar os pontos de vista particulares adquiridos durante os quatro anos e experimentar sintetizar todos êsses pontos de vista num conjunto, que seria o esbôço de uma síntese total de conhecimentos gregorianos.

Não foi, talvez, por acaso que a necessidade se fêz sentir primeiro na cidade de Mans, para precisamente como que corrigir o ensino do canto... por correspondência (o que parece paradoxal) na ausência de um professor que pudesse retificar, na horinha mesma, os devios que muitas vêzes fazem parar os alunos no caminho da síntese, mesmo no da síntese parcial.

Não foi talvez por acaso também que o programa e a matéria ensinada nêste quinto ano tenham sido estabelecidos em 1952, pelo Cônego Jeanneteau, sob a direção de Dom Gajard e em estreita colaboração com êle.

Êste Curso tinha seu coroamento na Semana anual de estudos do Mans. Certamente esta tendência para alargar conhecimentos, e reação contra o enclausuramento — de até certo ponto inevitável — dos programas escolares, os aprofundamentos que permitiam o método comparativo, os estudos sôbre estétiça e paleografia, tudo isto estava de acôrdo com aspirações profundas e gerais que deixavam prever que se estava andando para uma síntese total.

B. A "forma verbal-modal" do estilo de Solesmes.

Dom Gajard, como vimos esta manhã, tinha convidado os gregorianistas para fazerem a síntese das regras e do estilo. Êste estilo, havia-o descrito numa enumeração de pontos esparsos, dos quais demos as características: reforçar certas regras, aliviando outras, enfim completando-as tôdas.

Mas antes que a idéia de Dom Gajard fôsse verdadeiramente assimilável e a síntese que êle propunha fôsse verdadeiramente estável, devia se tomar certos meios: achar o meio de determinar, de qualificar num só têrmo a raiz profunda, a razão comum de todos êsses pontos esparsos, e até mesmo de todos êles absolutamente, ao menos da maior parte dentre êles, sobretudo daqueles que pareciam menos incluídos nas famosas "regras", cujo conhecimento já está perfeitamente claro.

Êsses mínimos detalhes, por importantes que sejam para o acabado do estilo, poderiam êles contribuir para a unidade? Numa palavra, o estilo de Solesmes teria êle uma *forma* própria, caracterizada, e qual era esta forma exatamente?

Pergunta árdua! "O estilo é o homem", não é? É o indivíduo, e o que é verdadeiramente individual é inefável... O estilo dêste inefável indivíduo que se chama o côro de Solesmes, era, refletindo-se bem, uma poeira de imponderáveis..."

Para os senhores, para mim, fazer esta pergunta é resolvê-la! Mas para o Cônego Jeanneteau, físico atomista por profissão, o imponderável era um dado corrente, um artigo de série, não mais difícil para manejar por meio de instrumentos apropriados que qualquer outro elemento... E eis que, por felicidade, nesta primavera de 1955, Solesmes acabava de editar novos discos, fornecendo aos amadores de imponderáveis um amplo material de amostras de todos os gêneros. O Cônego Jeanneteau escreveu um artigo sôbre os diferentes modos de ouvir os discos de Solesmes: pode-se ouvi-los comodamente sentado numa boa poltrona, os olhos fixos no teto e de vez em quando exclamando: "Que ambiência! É divino!"; pode-se também escutá-los inclinado sôbre a sua mesa de trabalho, com a cabeça entre as mãos, os olhos fixos no Liber Usualis. É êste segundo método que preconiza e que foi classificado pelo Cônego Jeanneteau como o melhor: êle assim conseguiu fazer o que fêz.

Nessa época, lembro-me perfeitamente porque isto interferia de muito perto no meu trabalho da *Revue Grégorienne*, o Cônego Jeanneteau que muitas vêzes vinha a Solesmes para discutir o estilo com Dom Gajard e Dom Cardine, voltou duas vêzes no espaço de quinze dias. A primeira vez disse a Dom Gajard:

— "Usei os discos de Solesmes. Aqui fazem coisas que não dizem...

— Oh! sim senhor! quer dizer então que não se lhe dizia tudo!

— Não, com efeito não dizem tudo. Eis o que fazem: tratam de modo especial cada final de palavra, onde quer que se encontre; os senhores se arranjam sempre por respeitar seu pêso natural de final, de elemento tético da palavra; o estilo de Solesmes, é um *estilo verbal*!

Voltou-se e me disse:

" — Desde que aqui estive, acompanhando bem a música, notei que se respeitam de tal maneira as finais de palavras, é por causa de sua importância modal: a final da palavra é mais ou menos sempre colocada numa corda arquitetural da modalidade da peça. O estilo de Solesmes é um *estilo verbal-modal!*"

Isto se deu na Páscoa de 1955. Passou-se um ano de amadurecimento, esta teoria foi ensinada no Mans, em Angers. Em outubro de 1956, estava eu com a substância do número — doravante célebre — *Estilo verbal e modalidade*, revisto por Dom Gajard; depois da brochura *La Méthode de Solesmes* e como seu prolongamento, êste artigo marca também, certamente uma data na história da síntese solesmense. Se a "forma" do estilo de Solesmes consiste em ser verbal-modal, a síntese pedida por Dom Gajard, entre regra e estilo, se resume finalmente na síntese entre ritmo e modalidade, interpretada pelo estilo verbal do côro de Solesmes: a síntese total está pois realizada!

Cem anos depois do Cônego Gontier, amigo de Dom Guéranger, que, ouvindo Solesmes de fora — com aptidão para julgar, tinha dado o primeiro ensaio sôbre o estilo do coro de Solesmes, outro Cônego — afinal de contas esta raça é benfeitora! — ouvindo o canto dos monges com a mesma profunda simpatia, ajudou-os a tomar ainda mais consciência do que êles faziam instintivamente desde sempre... Não preciso acrescentar que o benefício desta descoberta não toca a So-

lesmes apenas, mas a todo o movimento gregoriano; e que me acho aqui no direito de tornar-me o intérprete de todos para exprimir ao Sr. Cônego Jeanneteau a nossa comum e muito cordial gratidão.

C. O ritmograma.

Mas a história não para aqui...

O manuscrito do número *Estilo verbal e modalidade* já ia partir para a tipografia, retardado um pouco pelo número consagrado ao Congresso de Assis, quando foi preciso acrescentar um capítulo novo, e de grande importância!

Era pouca coisa ter conseguido pesar o imponderável e ter dado um nome a estas *thesis verbais* tão características na verdade do estilo de Solesmes. O Cônego Jeanneteau pretendia agora apresentá-las em público, com possibilidade de aproximá-las, confrontá-las, compará-las, superpô-las, coisas que a audição do disco não permite fazer. Tal função criou o órgão, e em Natal de 1956 apareceu o primeiro ritmograma.

O ritmograma está para o canto como a radiografia ou melhor o eletrocardiograma está para o nosso organismo: um meio excepcional de observação, de objetividade perfeita, um instrumento de trabalho inegualável, que permite estabelecer imediatamente o diagnóstico de um estilo, coisa no mundo mais reputada de mistériosa, e que permite patentear o que falta para se ter verdadeiramente o "estilo de Solesmes". E como a rítmica natural de Dom Mocquereau, que nasceu da observação do côro de Solesmes, enriqueceu em seguida tôda a música, particularmente pela difusão do Método Ward, o ritmograma que nasceu do mesmo desejo de observação do canto de Solesmes, está preste a conquistar os musicistas e os cantores para adquirirem possibilidades admiráveis de observação e de contrôle. Eis um fato significativo: se o canto gregoriano e Solesmes estiveram presentes na Exposição Internacional de Bruxelas, foi graças ao Método Ward e ao ritmograma...

D. A síntese total se apoia numa análise mais profunda.

Mas eu devo acrescentar que ainda há mais nesta descoberta da forma verbal-modal do estilo de Solesmes e no número da R. G. *Estilo verbal e modalidade.*

Como vimos, uma síntese nova que faz nosso conhecimento dar um salto, arrasta após si uma análise retrospec-

tiva mais profunda, mais cheia de pesquisa. Um ponto de vista sintético sôbre uma questão põe logo ordem, coesão em quantidade de dados anteriores dos quais não se percebia muito bem antes a articulação.

A síntese ritmo-modalidade fêz descobrir um sentido profundo em quantidade de expressões, de reparos, de notas fragmentárias de Dom Pothier, de Dom Mocquereau, de Dom Gajard, de M. Le Guennant, de M. Potiron. Basta agora unir num único conjunto todos êsses conceitos isolados para descobrir como foi que a síntese ritmo-modalidade já estava em marcha desde muito tempo no subconciente dos pesquisadores da Escola de Solesmes.

Descobre-se coisa muito mais profunda ainda nêste número *Estilo verbal e modalidade* e espero que todos aquêles que o estudaram atentamente o tenham compreendido. Uma vez descoberto e definido êste estilo verbal-modal de Solesmes, uma vez reconhecido que esta nova síntese estava em continuidade estreita com aquelas que a haviam precedido, preparado, tornado possível, eis o que se nos levanta em mente: Por que o estilo de Solesmes é, pois, *verbal-modal* e não outra coisa, por exemplo, *melódico-intensivo?* Haverá uma razão objetiva que se torne necessária a êste estilo verbal-modal, que o torne inevitável, e que justifique ipso-facto a interpretação tradicional de Solesmes?

Para responder a esta questão, o Cônego Jeanneteau procurou ir buscar o canto gregoriano em sua fonte, nos próprios compositores. Ao mesmo tempo que os aparêlhos eletrônicos estabeleciam o eletrocardiograma do côro de Solesmes, êle se entregava com audácia a uma espécie de psicanálise do compositor gregoriano, na qual descobria dois instintos fundamentais: o instinto verbal e o instinto modal.

O compositor da idade de ouro gregoriana fala latim: o latim lhe é familiar; firmemos bem em princípio que êle tem, por assim dizer, o ritmo do latim, "no sangue"; e, como é artista-compositor profissional, tem mais do que outros ainda, êste ritmo no sangue, do qual êle percebe, mais do que outros, tôdas as finuras, e finuras estas que lhes são verdadeiramente instintivas. *O musicsita latino, cantor destas palavras familiares, não podia fazer de outro modo que utilizar o próprio ritmo interno destas palavras: para êle, o conhecimento desta líugua, não é sòmente a inteligência, a compreensão, do sentido das palavras e o hábito de seu emprêgo gramatical lógido e estilístico, mas também o sentido do seu ritmo, de sua unidade rítmica e, na sucessão das pa-*

lavras, de um equilíbrio ritmado. E também, esta cultura ritmico-verbal, esta facilidade de emprêgo quase instintiva, o musicista a tem evidentemente mais do que qualquer outro: é um músico, isto é, mais sensível às exigências ritmicas; nunca sacrificará esta rítmica de base, esta melodia nativa de uma língua familiar: esta é para êle o substrato rítmico da composição.

Para êle afinal será verdadeiramente, não apenas a última sílaba de uma palavra, mas aquela que termina a palavra em seu ritmo, sua unidade, seu sentido; necessàriamente, êle diz e canta a palavra com tôdas as suas virtualidades rítmicas, levantando o acento tônico e depondo a final como uma thesis que fecha o ritmo da palavra: uma final, para êle, tem quase sempre — salvo raríssimas exceções — o papel de uma thesis: mas de uma thesis verbal, de uma thesis na palavra. O musicista não pode cantar de outra maneira: sente necessidade de dizer a palavra como diz um ritmo: "arsis-thesis", sob pena de se tornar mal compreendido, e demolir a rítmica natural, a sucessão normal das palavras e o sentido da frase: mira filia não é mirabilia; justi geméntes *não é* justificantes; oráte, frátres *não é* oratiónes.

Ora, assim como sabemos que o compositor gregoriano utiliza por instinto o ritmo da língua latina, assim também devemos admitir que êle tem também "no sangue" as escalas do seu tempo e de sua região, e que êle as usa tão instintivamente e tão finamente como usa o ritmo verbal. Modalidade e ritmo verbal são para êle duas riquezas naturais, fundamento psico-fisiológico de sua expressão musical. É êste dado psicológico que esclarece nosso estudo do dado musical; nossa análise do repertório fica falsificada se forem esquecidos, êstes dois instintos, modal e verbal, do compositor; não se poderá pretender e mseguida esboçar uma interpretação objetiva sem levar em conta o estudo de alma do compositor, nem os moldes modais e rítmicos dos quais êle plasma sua inspiração.

Inspirado pelo sentido do texto, o artista gregoriano sabe, melhor que qualquer outro, combinar em ritmo livre a melodia nativa da palavra com as formas modais de sua época: *as exigências da palavra ritmada e do modo são para êle inseparáveis e sugestivas; abaixo do seu fôlego eloqüente,* existe uma rítmica e uma modalidade de base: a rítmica da língua latina e a modalidade de sua época e de sua região. *Nada inventemos, mas procuremos achar nos manuscritos e*

no repertório já bem restaurado, o gênio musical e a alma daquela época. Se existe um segrêdo de fabricação, está inscrito nestas fundações ritmicas, verbais e modais.

Nunca,não temo afirmar, se levou tão longe e tão profundamente o princípio de Dom Mocquereau: *Procurar o pensamento de nossos antepassados, submeter humildemente nosso julgamento artístico ao dêles...*

Tal é, objetivamente observado, o segrêdo de fabricação do canto gregoriano: é neste estilo fundamental verbal-modal que o canto gregoriano foi composto, e é precisamente neste mesmo estilo verbal-modal que Solesmes o interpreta: o *segrêdo de execução* não era senão um *segrêdo de fabricação!* E o editorialista dêste número *Estilo verbal e modalidade* (esta vez não era eu, nem M. Jeanneteau!) tirava a conclusão prática desta descoberta: "Que garantia pois para todos aquêles que deram sua confiança à Escola de Solesmes, é êste acôrdo perfeito entre os processos instintivos de composição e o método raciocinado de interpretação!" Raramente a teoria e a prática de Solesmes tinham sido mais profundamente justificadas...

Dom Mocquereau tinha edificado sua síntese rítmica para justificar racionalmente, diante dos musicistas, a maneira de cantar que o côro de Solesmes herdara de Dom Guéranger e de Dom Pothier, e para remediar às imprecisões das explicações que dela tinham dado o Cônego Gontier e Dom Pothier nos seus primeiros ensaios de sínteses.

Mas Dom Mocquereau sabia perfeitamente — esta manha citei suas próprias palavras — que a questão da modalidade ainda não tinha chegado ao que devia ser, e que por conseguinte não poderia êle fazê-la entrar em sua síntese. Isto explica, em larga parte, porque o segrêdo do canto de Solesmes tinha sido inadequadamente apenas revelado pelas regras da teoria rítmica e que se fazia necessário completá-las pelos indispensáveis "pontos de estilo" que continham em germe a contribuição modal.

Quando a síntese modal foi pouco a pouco constituida, nada impedia realizar a síntese total *ritmo e modalidade*. Vimos como isto acaba de se operar e como acaba de se realizar ao mesmo tempo o desejo implícito de Dom Mocquereau, que tinha preparado direta ou indiretamente todos os elementos desta síntese total.

Eis o que escrevia o Côn. Jeanneteau no número da *Revue Grégorienne* consagrada a Dom Mocquereau, quando da passagem do 25.º aniversário de sua morte:

Foi êle que desbastou o terreno, foi êle também que, pensador das grandes sínteses, semeou nos sílhões que êle traçou o que hoje colhemos: não nos admiremos se respirarmos algumas vêzes o perfume de uma flôr que êle semeou mas da qual êle não viu a eclosão...

2. HORIZONTES NOVOS À LUZ DA SÍNTESE TOTAL

A síntese total deve influir sôbre cada um de seus elementos. O benefício desta vista de diretrizes mais segura deveria consistir sobretudo em colocar cada ciência parcial — rítmica ou modalidade — em contacto com o real concreto que é o real total, afinal de contas com a própria *música*, e, permitam-me insistir: a música no que ela tem de especìficamente *musical*!

Existem, com efeito, ciências que se desenvolvem pelo jôgo rigoroso da lógica interna ùnicamente: os princípios uma vez postos acarretam inelutàvelmente conclusões certas, que proliferam por sua vez e engendram resultados também inatacáveis..., mas isto sem a menor garantia de contacto e de conformidade com um real qualquer. Seria possível construir uma rítmica e uma modalidade dêste gênero: uma rítmica que não seria senão teórica, uma modalidade puramente fictícia. Não. É preciso apegar-se — e até se limitar — ao real, sem se ocupar dos fantasmas que pode criar um "método" que pontifica no vazio; é preciso olhar o real de frente, e aceitá-lo em sua totalidade — confortável ou não — sabendo bem que o que hoje em dia é molesto, amanhã será felizmente integrado numa síntese mais compreensiva.

Em vez de, pois, nos limitarmos a uma ciência "essencialista", descrevendo apenas a *natureza* dos fenômenos observados, rítmicos ou modais, estudemos sua *função* musical na síntese total. Em vez de considerarmos êstes fenômenos como *isolados*, separados do seu contexto vivo, insistamos sôbre as relações que se estabelecem de uma ordem para outra — da ordem rítmica para a ordem modal ou para a ordem verbal. Com efeito, estas ordens não são isoláveis, ficam interdependentes.

A. SÍNTESE RÍTMICA: A QUALIDADE DO TEMPO COMPOSTO.

Logo, a síntese total influi sôbre a síntese parcial rítmica. Teremos que caracterizar de uma palavra o progresso

marcado pelos estudos ritmicos, poder-se-ia dizer que se trata de passarcerto automatismo *quantitativo* para uma apreciação mais *qualitativa* de realidade musical.

Explico-me.

Vimos as dificuldades para fazer a síntese, falamos sôbre os perigos de uma parada, de uma determinação prematura num nível de síntese insuficiente. Ensinamos com efeito aos alunos que tôda espécie de movimento, por mais complexo que seja, é decomponível em fatores primos, binários e ternários, e é verdade (basta, nos casos rebeldes, escolher por unidade de tempo a metade do valor de duração mais breve; mas nêste caso não se trata mais de música, mas, sim, de prestidigação!). Em seguida, ensinamos que cada um dos tempos compostos assim constituídos é ou arsico se êle lança o movimento, ou tético se êle o retém, isto também ainda é bem verdade. Ensinamos também que entre uma longa e uma breve, é a breve que é ársica e a longa é tética: outra evidência. Armados com estas verdades primeiras, nossos alunos têm por demais tendências para crer que tudo está resolvido, e êles lhes responderão: ou é longo, ou é breve; ou é binário, ou é ternário; ou é ársico, ou é tético! É como se dissesse a um pintor; ou é branco, ou é preto! Êle lhes responderá que tôda pintura está precisamente entre êsses dois pontos, e eu acrescentaria: tôda a rítmica também!

De certo, os remédios não faltaram: entre a longa e a breve há uma nuance do episema horizontal, e para certas cadências M. Le Guennant falou de "redobramento leve", além do binário e do ternário, Dom Mocquereau estabeleceu logo os casos de "condensação de 4 tempos em 3", ali onde a subdivisão é particularmente ante musical; entre a arsis e a thesis, Dom Mocquereau falou em "ondulação montante", Dom Gajard, falou de "arsis decomposta" e de "thesis remontante"; e M. l'abbé Bihan escrevia no mesmo sentido: "Não existem dois ictus semelhantes, e passa-se a vida tôda aprendendo a distingui-los".

Poder-se-ia, creio eu, à luz da síntese total, precisar ainda mais estas condições de flexibilidade. Não se trata aqui de abandonar o dogma da *precisão absoluta do tempo,* definido contra aquêles que defendem o rítmo oratório, que é necessário, aliás, compreender não num sentido de rigidez metronômica, mas num sentido de um isocronismo de base perfeitamente compatível com as variações permanentes de tempo, recomendadas por Dom Gajard quando trata dos

"pontos de estilo"; portanto se devemos manter a precisão absoluta do tempo, parece ser necessário acrscentar imediamente: a *precisão absoluta da qualidade dêste tempo,* a clara percepção de seu papel na síntese, numa palavra, seu aspecto musical.

Existe um axioma familiar aos que reconstituem fórmulas melódicas: quando os manuscritos divergem sôbre um ponto, para saber qual seguir, não basta contar o número dos partidários de uma ou de outra lição, e de, automàticamente, colocar-se do lado da maioria numérica, pois, dentre os manuscritos que até nós chegaram, muitos podem ter sido copiados uns dos outros, e não nos dão por conseguinte senão um único testemunho materialmente multiplicado. É preciso, como bom método, pesar o valor de cada um dos testemunhos expressos, qualquer que seja o número daqueles que o abraçam, e ver se justamente aquêle manuscrito que se apresenta isolado, sem muitos partidários, não seria por acaso mais comprovante do que aquêle que tem a maioria: *non numerandi sed ponderandi.*

Quanto à rítmica, poderia ser, deveria ser — *mutatis mutandis* — poderia dar-se a mesma coisa: *non tam numerandi quam ponderandi!* Está muito bem; deve-se contar os tempos, deve-se numerá-los sem perder um só: êles constituem uma matéria preciosa, mas apenas uma matéria. Parando-se aí, justificam-se os temores dos adversários de Dom Mosquereau, dar-se razão aquêles que ironizavam "a mecânica e o mecânico"! Contemos pois nossos tempos, é uma disciplina sã, mas que permanece no domínio da análise elementar; em seguida pesemo-los fazendo a análise musical do nosso canto. Tratemos de adquirir pelo trabalho, pela observação e pela cultura, o equivalente daquilo que os compositores gregorianos tinham, por instinto: "senso verbal", ou "senso modal"; numa palavra: um temperamento gregoriano. Para isto devemos nos perguntar a cada instante onde se está exatamente; estamos trabalhando sôbre o "substancial" ou sôbre o "acidental", numa corda arquitetural ou numa nota de ornamentação, no acento tônico ou na final da palavra, ou ainda sôbre uma sílaba antetônica ou sôbre a superveniente, num tempo composto sólido, construtivo, ou num tempo composto de transição, de recheio. Isso supõe evidentemente certo conhecimento do repertório, da composição, das fórmulas e das suas transformações, que é, pròpriamente falando, estética, ciência específica da síntese total.

(*Continua*)

3.° Livro de Canto Gregoriano

(Direitos reservados)

PROTUS PLAGAL

ou 2.° MODO (GRAVE, DERIVADO)

TESE: *é um modo que não varia muito sua maneira de composição.* CONSTITUIÇÃO — Pertence ao *Hexacorde Natural* com cadência em RE.

Teòricamente, eis sua escala:

LA —	SI —	DO —	*RE* —	MI —	*FA* —	SOL —	LA
Nota inicial			Nota final		Nota pivô, dominante e arquitetural.		

1.° tetracorde: LA — RE. — 2.° tetracorde: MI — LA.

A *Nota Pivô* deveria ser RE: LA — RE. Mas como já é a *final*, escolheu-se o FA que é também *Nota Arquitetural* (longa, repercutida); esta escolha se faz por puro valor estético.

Em geral, os PROTUS RE (ou 2.° Modo em RE) são bem nítidos desde a entoação.

(Cf.: a enotoação do Comm. "Vovete" do XVII Dom. ap. Pent.)

O PROTUS PLAGAL LA (2.° Modo), teòricamente não deveria ultrapassar o MI agudo e o MI grave. Todavia, na prática, por processo de composição e não por constituição, encontram-se cadências em TRITUS RE (provisórias) graves e agudas.

(Cf.: o Responso "Collegérunt" do Dom. de Ramos e o Comm. "Cantate Domino" do 5.° Dom. ap. Páscoa. Cantem esta peça em clave de FA 3.ª linha e verão o SI bemol grave substituído por FA).

Assim, estas cadências em FA e em RE não mudam o caráter da cadência final do 2.° Modo, nem a teoria. O LA se torna pivô para ir provisòriamente ao RE. Este processo de composição: de repouso provisório no RE, é comum ao 2.° Modo (quarta: LA — RE) e ao 7.° Modo (quinta: SOL — RE). Isto prova que êste processo de composição é fato estético e não técnico. Se estas peças fôssem escritas em RE, haveria cadência em SI bemol grave: foi talvez por isso que os escribas preferiram escrever em LA, onde o FA substituiria o SI bemol grave que êles não podiam grafar bemol, porque só o SI do *medium* (b minúsculo) podia, então, ser bemol ou bequadro. Cf. 1.° *Livro de Canto Gregoriano*, escala geral dos sons.

Logo o SI bemol pode ser em gregoriano, como na música grega, tônica fundamental.

Autores houve que não admitiam o PROTUS PLAGAL LA e criaram a teoria dos tais MODOS INTENSOS, enterrados por H. Potiron quando afirmou:

> "A expressão *modo intenso* deve desaparecer da terminologia gregoriana. Querendo-se definir tôdas as particularidades de cada modo ter-se-ia de empregar todo um dicionário. A boa velha classificação em *quatro modos*, com subdivisão em autênticos e plagais basta certamente para a exposição da modalidade gregoriana, embora não possamos deixar de lado a análise de certos casos especiais".

Gevaert e M. Emmanuel se apoiavam no fato que os antigos não grafavam o SI bemol grave; e afirmavam que foi por isso que escreviam o 2.º Modo com final LA, substituindo assim o SI bemol grave pelo FA. Davam a êste FA a função de *tônica de um novo modo* (a terceira inferior do LA); e davam êste modo como derivado do hypolydio "intenso" grego. O PROTUS PLAGAL LA, negavam-no ipso facto.

Em música grega se fala em *variedades tensas ou intensas* no modo *lydio*, mas não em *Modo intenso*. O *lydio* desaparecera no IV século...

No 2.º Modo não se encontra a *quarta grave* MI-LA, uma das caracteristicas do plagal; nada para surpreender, pois também o DEUTERUS PLAGAL (4.º Modo) não tem a quarta grave SI-MI. Existem PROTUS PLAGAIS sem o grave, como existem DEUTERUS, TRITUS e TETRARDUS sem o grave, e MODOS AUTÊNTICOS sem sua quinta aguda. Folheiem o L.U. Em tempo e lugar virão os exemplos dêstes casos.

Tudo isto constitui mais uma prova em favor da liberdade da composição no tocante aos processos teóricos, simètricamente demonstrados pela *análise*. (Cf. R.G. 31, pp. 9-14.)

ENTOAÇÃO:

1. É freqüente a fórmula do SALICUS com ictus no DO;
2. ha outras bem simples nos Intróitos *"Salve Sancta Parens"* e *"Cibavit"*;
3. nos Off. *"Laudate"* e *"Benedicite gentes"* a entoação é mais ornada;
4. os tractus *"Domine"* — *"Qui habitat"* — *"Confitemini"* empregam a fórmula muito ornada, em sentido inverso.

De modo geral o 2.º Modo, salvo raras exceções, se constrói da mesma maneira.

Os alunos devem procurar peças dêste Modo e localizar os fatos.

FALANDO DE LITURGIA

O NOVO CÓDIGO DAS RUBRICAS DO MISSAL E DO BREVIÁRIO ROMANO

• • •

A 15 de agôsto pp., na Acta Apostólicae Sedis, a Sagrada Congregação dos Ritos publicou a Carta Apostólica dada de Motu Proprio em 25 de julho de 1960, na qual o Santo Padre João XXIII aprova e promulga o Novo Código das Rubricas do Breviário e do Missal romanos.

Como diz a citada Carta em seu início, a Sé Apostólica, sobretudo depois do Concílio de Trento, cuidou constantemente de definir com maior clareza e dispor de modo mais perfeito o conjunto das rubricas que ordenam e regulam o culto público da Igreja. Tendo sido, no decurso dos tempos, introduzidas muitas emendas, variantes e adições, todo o sistema de rubricas foi consideràvelmente aumentando, nem sempre numa ordem sistemática e não sem detrimento da primitiva clareza e simplicidade.

Atendendo aos rogos de numerosos Bispos, já Pio XII decidira simplificar algo das rubricas do Breviário e do Missal romanos, o que foi levado a efeito pelo Decreto Geral da Sagrada Congregação dos Ritos do dia 23 de março de 1955.

No ano seguinte, 1956, enquanto progrediam os estudos preparatórios para a reforma geral da Liturgia, o mesmo Pio XII determinou que se ouvisse o parecer dos Bispos a respeito de uma reforma litúrgica do Breviário Romano. Havendo as respostas dos mesmos sido atentamente examinadas, decidiu que se tratasse da questão de uma reforma geral

e sistemática das rubricas do Breviário e do Missal e confiou o encargo a uma Comissão especial de peritos à qual já havia sido pedido o estudo da reforma litúrgica geral.

Por morte de Pio XII, seu sucessor o Papa João XXIII, depois de haver decidido a convocação do Concílio Ecumênico, refletiu mais de uma vez sôbre o que deveria ser feito acêrca da iniciativa do seu predescessor, chegando à conclusão de que os princípios fundamentais referentes à reforma litúrgica geral deveriam ser propostos aos padres no próximo Concílio Ecumênico, mas não deveria ser adiada por mais tempo a mencionada reforma das rubricas de Breviário e do Missal.

Assim, de motu próprio, decidiu aprovar o corpo das rubricas do Breviário e do Missal romanos, preparado por peritos da Sagrada Congregação dos Ritos e cuidadosamente revisto pela Pontifícia Comissão encarregada da reforma geral da Liturgia.

Em brevíssimo resumo, daremos a seguir algumas modificações mais interessantes, primeiramente em relação ao Missal, e depois ao Breviário.

O Ordinário da Missa continua inalterável em sua quase totalidade. Houve apenas pequenas alterações:

1. *Omissão do Confiteor* e da absolvição antes da comunhão dos fiéis durante a Missa. Isto é, logo após a comunhão do sacerdote, êste, voltado para os comungantes, apresenta-lhes o corpo do Senhor, dizendo, como de costume: Ecce Agnus Dei... Domine non sum dignus...

2. *No final da Missa* dir-se-á sempre "Ite, Missa est,", quer se tenha dito ou não o "Gloria in excelsis." Excetuam-se, porém, a Missa vespertina da Quinta-feira Santa que é seguida da reposição do Santíssimo Sacramento e as outras Missas que forem seguidas de alguma procissão. Em tais casos dir-se-á "Benedicamus Domino." Na Missa dos defuntos continua "Requiescant in pace."

3. *A bênção final* só é omitida quando se diz "Benedicamus Domino" ou "Requiescant in pace."

4. *O último Evangelho* de S. João é omitido nas Missas de Natal "in die"; no segundo domingo da Paixão ou de Ramos quando se segue à bênção e procissão dos ramos; na Missa da Vigília pascal; nas Missas de defuntos quando se segue a absolvição sôbre o túmulo; em certas Missas que seguem algumas consagrações, conforme as rubricas do Pontifical romano.

Nas Missas cantadas tudo o que o diácono, o subdiácono

ou o leitor, por fôrça do próprio ofício, canta ou lê, é omitido pelo celebrante.

A homilia, se feita por outro sacerdote que não o celebrante, não pode perturbar a participação dos fiéis. Nesse caso, interrompa-se a celebração da Missa até que esteja terminada a homilia.

O documento define o dia litúrgico como sendo o dia santificado por ações litúrgicas, principalmente o Sacrifício eucarístico e a oração pública da Igreja, ou seja o Ofício divino. Assim, classifica os domingos em duas classes. São de I classe: a) I-IV do Advento; b) I-IV da Quaresma; c) I-II da Paixão ou de Ramos; d) Domingo da Páscoa; e) Domingo in albis; f) Domingo de Petecostes.

O domnigo de Páscoa e o de Pentecostes são ao mesmo tempo festas de I classe com oitava.

Todos os outros domingos são de II classe.

Chama-se Féria cada dia da semana, à exceção do domingo. As Férias são de IV classes.

Férias de I classe: Quarta-feira de cinzas, tôdas as férias da Semana Santa.

Férias de II classe: As férias do Advento do dia 17 a 23 de dezembro; as férias das Quatro-Têmporas do Avento, Quaresma e mês de setembro.

Férias de III classe: As férias da Quaresma e da Paixão da 5.ª feira depois das cinzas até o sábado antes do II domingo da Paixão inclusive. As férias do Advento até o dia 16 de dezembro inclusive.

Férias de IV classe: tôdas as férias acima não mencionadas.

A maior alteração constante do Motu Próprio refere-se ao Breviário. Há três tipos de Matinas:

I — *Matinas com 3 noturnos:* 9 salmos e 9 leituras — Nas festas de I e II classe; férias do Triduo Sacro; oitavo dia do Natal do Senhor; Comemoração de todos os fiéis defuntos.

II — *Matinas com um só noturno:* 9 salmos e 3 leituras — todos os domingos, excetuados os de Páscoa e de Pentecostes; tôdas as férias, com exceção das do Tríduo Sacro; tôdas as Vigílias; as festas de III classe; os dias durante a oitava do Natal; os ofícios de Nossa Senhora ao sábado.

III — *Matinas com um só noturno:* 3 salmos e 3 leituras — Nos Domingos de Páscoa e Pentecostes e nos dias durante as oitavas.

As antífonas se dizem por inteiro antes e depois dos salmos e cânticos em tôdas as Horas, quer maiores, quer menores.

À Hora de Prima se dirá sempre o capítulo "Regi saeculorum". A "Lectio brevis" será sempre a do Tempo.

Foram abolidos o Sufrágio de todos os santos e a Comemoração da Cruz.

Também o Calendário geral foi bastante simplificado em relação às festas dos santos, dando-se maior relêvo ao Proprio do Tempo, ou seja aos mistérios da nossa Fé.

No conjunto, o presente Motu Proprio não deve ser considerado uma reforma pròpriamente dita, mas é antes um tratado preliminar que prepara a Reforma geral a ser promulgada por ocasião do próximo Concílio Ecumênico do Vaticano..

As determinações do presente Motu Proprio entrarão em vigor a partir de 1.º de janeiro de 1961.

D.H.M.

ESCLARECIMENTOS PEDIDOS

— LITURGIA —

De um de nossos leitores recebemos a seguinte consulta que dá ocasião a que de novo tratemos nestas páginas de questões referentes à participação do povo na Santa Missa. Pergunta-se ao leitor:

> "Não é um fato que a participação do povo na Santa Missa, onde há movimento litúrgico, é mais ativa nas partes menos importantes (antemissa, respostas etc.) e menos ativa nas mais importantes (ofertório, consagração)? Estou falando da participação oral (rezada ou cantada) conforme a Instrução de 1958, n. 31. Quais os motivos de os fiéis não participarem, de certo modo, às orações do Canon? (Entende-se: sem com isso querer estar no lugar do sacerdote ou ter atribuições sacerdotais). Parece-me que isso seja um impecilho para se entender retamente o que é o sacrifício da Missa. A observação é feita por pessoa que já há vários anos está interessada no problema e trabalho para fazer a juventude participar da Missa."

O movimento litúrgico que, há algumas dezenas de anos, vem procurando despertar a consciência do povo cristão para sua necessidade de compreensão e participação dos sagrados ritos, encontrou o principal dêsses ritos, a Santa Missa, constituído de tal forma que nêle se misturam elementos de origem histórica, de significação e de importância as mais diversas. Só aos poucos e depois de longos estudos científicos chega-se à noção exata da razão de ser de cada elemento, de sua evolução histórica e significação no conjunto do rito. O movimento que tem escopo precipuamente pastoral não poude esperar por isso. Tomou o rito como êle se encontra na sua forma de Missa lida e cantada e procurou fazer com que os fiéis encontrassem seu lugar de participação nessa dramaturgia. Considerando bem a estrutura da Missa verifica-se que seu desenrolar, passando por um rito de entrada ou de aproximação do Altar, por um rito litúrgico da proclamação da palavra divina que se volta para o povo, que visa sua instrução, passando em seguida ao Ofertório e à Consagração de oferecimento do Sacrifício do Cristo a Deus, é o desenrolar de alguma coisa que mantém contato com o povo mas que, à medida que se aproxima de seu núcleo substancial, diminui êsse seu contato com o povo e torna-se ação exclusiva de Deus agindo por seu ministro, que lhe faz as vêzes e fala em seu nome. Em sentido inverso, a Missa tendo atravessado seu ponto culminante, volta de novo ao povo; são as orações de preparação para a comunhão, é a própria comunhão,

doação de Deus aos homens, são os ritos de ação de graças e despedida. Ora, êsse movimento de fluxo e refluxo, de crescente aproximação de Deus e de volta à assembléia dos fiéis já deixa entrever que a participação oral (rezada ou cantada) dos mesmos acompanha esta mesma curva de fluxo e refluxo. Falo da participação oral, pois a participação interna — "em espírito e verdade" — deve ser tanto maior quanto maior a importância de cada determinado momento da celebração. Aqui está o ponto que se poderia prestar a equívocos: não é o fato de mais falar, de mais rezar em voz alta que significa mais participar. Mais se participa cantando ou falando quando o momento é de cantar ou de falar, mais se participa calando quando o momento é de ouvir, de acompanhar, de unir-se espiritualmente, de adorar. Quando a Missa está no seu rito de entrada ou na chamada Liturgia da Palavra é natural que o povo seja chamado à mais freqüentes manifestações. À medida que o rito atinge seu centro, cala aos poucos o povo — sem deixar de participar — fala o Sacerdote em nome dêle, fala afinal o próprio Cristo pelos lábios do Sacerdote.

Visto isso, é perfeitamente natural que tudo se passe como observa nosso leitor. O que não é natural nem se deveria permitir é que o povo permaneça alheio e sem compreensão do que se realiza no momento mais importante da Missa. Quanto à solução dessa questão fixaremos os seguintes pontos que servirão de resposta ao nosso consulente.

1. O Canon da Missa é a parte mais importante e mais solene da Santa Missa. Sua recitação é, como já vimos, exclusiva do Sacerdote. Por essa razão, fazer o povo falar nêsse momento não é incentivar a participação mas atentar gravemente contra a natureza do rito. Fazer alguém dizer as palavras do Sacerdote em língua vulgar é êrro tão grave quanto o anterior, pois desliga o povo do Sacerdote, interpõe um terceiro entre ambos, substitui o Sacerdote. De resto, é expressamente proibido porque, além de tudo, perturba.

2. O Canon, poder-se-ia então perguntar, deveria ser lido pelo Celebrante em voz alta e em língua vulgar? Quanto à recitação em voz alta, é possível que futuras reformas litúrgicas cheguem à revogação das rubricas que ordenam o emprêgo de *voz submissa* para essa parte da Missa. Aliás a Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos de 3 de setembro de 1958 (no n. 78) já prescreve tal exceção às rubricas, quando a Missa é transmitida pelo rádio, pois no caso de não haver comentador, os ouvintes ficariam perdidos na transmissão de um longo e absoluto silêncio. Quanto à língua vulgar é possibilidade por demais longínqua e inviável, enquanto se pode prever e profetizar...

3. Se assim é, então estamos no ponto que nos assinala o consulente. O povo não participará do que há de mais importante? A participação aqui, respondemos, será por meio da lúcida compreensão do que se passa, com profunda e silenciosa adesão da alma. Isso supõe instrução que deve ser dada fora e dentro da Missa, em aulas, cursos e conferências que expliquem o que é o Canon, parte central e substancial da Missa. Dentro da Missa, através da figura do comentador. O povo que assiste à Missa deve ser instruído e guiado por êle a compreender e dar todo o valor às suas próprias respostas ao Prefácio, hino eucarístico e ao Sanctus, cantado e recitado, com o qual se unem ao canto de ação de graças do Sacerdote. O Comentador deverá em seguida descrever e dar o sentido das orações do Canon com breves mas incisivas palavras que mostrem que ali está o centro da vida, a razão de ser de tudo. Deve em seguida preparar os espíritos para uma brevíssima resposta, para uma só exclamação: *Amen*, que é entretanto o sinal riquíssimo da mais profunda participação e adesão pessoal ao que de mais sublime e decisivo está sendo realizado no mundo, naquele instante: é o *Amen* do fim do Canon, ao "Per Ipsum et cum Ipso et in Ipso". Êste Amen aliás, em geral permanece sem o justo relêvo, mais parecendo uma passagem ou preparação sem grande importância para o Pater Noster.

Vê-se assim a grande importância da figura do comentador, quanta responsabilidade está em suas mãos e com que delicadeza, finura, inteligência e amor deverá tratar coisas tão santas.

Ao nosso leitor poderemos lembrar a tentativa de um modêlo de ação do comentador que publicamos no n. 35, Set-Out. de 1959 da REVISTA GREGORIANA, pp. 41 a 48. Sugeríamos ali as palavras que deve proferir e o momento oportuno para intervir no desempenho do papel tão importante de promover a participação dos fiéis inclusive no momento mais central da Santa Missa. O que é certo é que em tal momento, no momento em que Deus mesmo assume o comando da Ação Sagrada, o povo fiel só se poderá manifestar externamente no uníssono de um profundo silêncio de adoração, pois a verdadeira participação fala naquele momento no fundo dos corações.

D. J. E.

O NOME DE MARIA E O NOME DE JESUS

O nome hebraico *MARIA* foi diversamente interpretado no decorrer dos séculos, pois os filólogos não estiveram sempre de acôrdo do indicar a sua etimologia.

Assim já em 390 S. Jerônimo referia as explicações usuais no seu tempo, tôdas elas fundadas em considerações linguísticas: 'senhora, iluminam-me êstes, mirra do mar'. A tôdas o S. Doutor preferia as de mar amargo' e estrêla do mar', que supunham o nome Maria ('Mar-yam') composto de 'mar'= amargo ou 'mïr' = iluminador, e 'yam' mar.

As interpretações prediletas de S. Jerônimo tornaram-se clássicas na literatura medieval.

Recentemente, porém, (em 1928), por descobertas arqueológicas feitas na antiga cidade Ugarit da Síria, ficou comprovado que Maria provem da raiz hebraica rvm ou 'rym', que significa 'ser alto'; o substantivo 'marom' ou maryam daí derivado diz altura ou, como nome próprio, 'Excelsa, Sublime'. Maria é, pois, a Excelsa ou Sublime. Ora, os nomes próprios hebraicos eram dados geralmente logo depois do nascimento da prole, e exprimiam aquilo que mais comovia o coração dos pais no momento; refletiam ou as circunstâncias do parto ou as qualidades (corporais, espirituais) da criança que chamavam a atenção dos presentes. Sendo assim, perguntamo-nos: que nome mais conveniente podia Deus inspirar aos parentes da futura mãe de Deus do que o nome de *Maria,* já que esta era destinada a ser a mais *excelsa* de tôdas as mulheres? Quenome refletiria melhor os seus atributos?

O sentido profético do apelativo 'Maria' aparece com especial vigor se se considera que o substantivo 'marom' (altura) é no Antigo Testamento muitas vêzes empregado para designar a séde do Deus Altíssimo. Neste caso, a Incarnação do Verbo na Virgem Ssma., não terá sido ela a plena realização daquilo que o profeta Isaias anunciava nos seguintes têrmos: 'Assim fala o Deus alto e ecelso...: Habito na santa altura ('marom'), mas também estou com aquêle que é contrito e humilde de espírito, para vivificar o espírito do humilde e refrigerar o coração dos contritos' (57,15)? A Virgem que Deus chamava Excelsa pela bôca do Anjo Gabriel ('Ave Maria'), dizia, ela mesma, ser a humilde serva do Senhor (Lc 1,28.38).

O nome CRISTO significa em grego 'Ungido' ('Chrisma' e o óleo com que se unge); corresponde ao hebraico "Messias', título dos reis de Israel, já que todos êstes eram ungidos. O nome foi aplicado a Jesus (= Salvador, em hebraico), porque le descendia do rei Daví para ser o rei por excelência do povo de Deus.

Segundo os Padres, quem profere o nome 'Cristo', professa o mistério da Ssma. Trindade e o da Incarnação, pois, dizendo 'o Urgido5, designa não sòmente o sujeito que foi ungido, mas implìcitamente também aquêle que ungiu e o óleo com que se fêz a unção. Ora, conforme os Padres, o sujeito que recebeu a unção, é o *Filho Eterno* unido a uma natureza humana (*incarnado*); por essa união o Filho se tornou o *Cristo, o Ungido;* foi o *Pai Eterno* que O mandou à terra ou o ungiu, e ungiu-o (fê-lo Cristo) derramando sôbre a natureza humana do Filho o Crisma, Óleo por excelência, o *Espírito Santo* (cf. Atos 10,38; Is 11,2); Êste, repousando em plenitude na humanidade de Jesus, tornou-a a mais santa das criaturas.

Todo cristão é anàlogamente um ungido, outro Cristo, porque também êle recebe o Espírito Santo no batismo e principalmente no sacramento do '*Crisma*'.

A Unção, ou seja, a união do Divino e do Humano no Filho Incarnado constitui tôda a esperança da nossa salvação, conforme as belas palavras de Pascal: "La connaissance de Dieu, sans celle de notre misère, fait l'orgueil; la connaissance de notre misère, sans celle de Jésus-Christ, fait le désespoir. Mais la conneissance de Jésus-Christ nous exempte et de l'orgueil et du désespoir, parce que nous y trouvons Dieu, notre misère et la voie unique de la réparer" (Pensées II art. 16, § 2).

Jesus é dito pela Sagrada Escritura o *UNIGÊNITO* (Jo 1,18. Êle é, sim, o Unigênito em sua natureza divina, por ser o único Filho gerado da substância do Pai Eterno (consubstancial ao Pai); Êle é o Unigênito também em sua natureza humana porque não teve irmãos, segundo a carne (Maria Ssma. se conservou sempre virgem).

A esta afirmação parecem opor-se alguns textos da Escritura, dos quais abusam os Protestantes:

Assim a Bíblia diz igualmente que Jesus foi o *PRIMOGenito* (Lc 2,7) — o que parece insinuar que, ao menos segundo a carne, teve irmãos mais jovens. Ao que se responde: a expressão 'Jesus Primogênito' deve ser entendida no sentido que o Evangelista, falando como os Orientais do seu tempo, lhe queria dar. Ora, recentemente foi descoberto no Egito um papiro que afirma que uma mulher deu à luz o seu *primogênito* e que *logo depois ela morreu*. Neste e em outros documentos se vê que 'primogênito' significava não o filho ao qual outros se seguiam, mas o filho ao qual nenhum outro precedera. Era dito primogênito, mesmo quan-

do filho único, porque, pelo simples fato de ser o filho ao qual nenhum outro precedera, todos os direitos que legalmente tocavam ao primogênito, recaiam sôbre êle.

S. Paulo, Rom 8,29, diz que o Pai predestinou Cristo a ser o *Primogênito entre muitos irmãos*. Esta expressão se refere a irmãos não conforme o nascimento carnal, mas conforme o nascimento novo, espiritual, que é o batismo. Todo batizado recebe um germen de vida divina em si (a graça), que o torna filho do Pai Eterno e irmão de Cristo; é porém, filho do Pai Eterno não por comunicação da substância divina (como o Filho Unigênito o é), mas por comunicação de um dom criado (a graça).

Replica-se: a S. Escritura afirma que contemporâneos do Senhor na Palestina eram *irmãos de Jesus* (Mc 6,3). Responde-se: a expressão deve ser de novo entendida conforme a linguagem oriental. Os Hebreus, em sua pobreza de falar, não tinham têrmo próprio para designar primos e sobrinhos, mas chamavam-nos todos 'irmãos'; assim, para só citarmos um exemplo, em Gen 13,8, Lote, sobrinho de Abraão, é dito irmão de Abraão (!). Isto nos leva a compreender que os chamados 'irmãos de Jesus' eram na verdade primos do Salvador, filhos de Cleofé, irmão de S. José; a mãe dêsses primos de Jesus chamava-se Maria, mas o Evangelista diz sempre 'Maria de Cleofé' para distingui-la de Maria Ssma., mãe de Jesus. — Um vestígio do modo de falar antigo está na nossa expressão 'primo irmão' = quase irmão.

D.E.B.

As respostas que se seguem são numeradas em proseguimento a outras publicadas em números anteriores da Revista. Pelo teor das respostas o leitor tomará conhecimento imediatamente da questão proposta.

66 — Sim. De fato. A relação entre *ritmo e o compasso* traz muita confusão, em geral. Entretanto, Vicent d'Indy dizia: "Bater um compasso e ritmar uma frase musical são duas operações completamente diferentes e, muitas vêzes, opostas".

O compasso é uma divisão arbitrária, em parte iguais, da dimensão-tempo. E não é só à música que se aplica. Ar-

bitrária também é a divisão do tempo em séculos, anos, meses, dias, noites etc. em parte, cuja igualdade é aproximativa. Esta igualdade das batidas que o homem dá ao tempo não atinge a *qualidade* do tempo, do que chamamos *duração do tempo;* na verdade, trata-se mais da duração do homem no tempo — do gasto que se faz do tempo para tal ou tal mistér.

Não importa que denominemos a duração do tempo "métrica ou compasso". Êste pode ajudar-nos a apreendermos a pulsação do ritmo, mas *não cria o ritmo*. O compasso deriva do ritmo, isto sim, é-lhe submetido. (Vejam o próprio nome *compasso* — passo com passo; isto é, um passo rítmico com outro passo rítmico, deu-nos em português *compasso;* quando, por exemplo em francês é denominado *mesure,* medida. Esta própria denominação portuguesa indica que o comso é formado por dois ritmos elementares, ao menos).

Para que o compasso signifique alguma cousa, tem que se adaptar às pulsações rítimicas. Daí vem que o 1.º tempo não *é* um tempo forte por natureza; êste se pode deslocar de acôrdo com as próprias pulsações rítmicas. Do contrário, se o 1.º tempo fôsse sempre forte, aniqüilaria o ritmo, tirar-lhe-ia tôda a liberdade, tôda a sua vitalidade.

Compasso é *meio* e ritmo é *fim*. Confundiu-se um com outro: inicialmente, por lei do menor esfôrço, depois pelo hábito.

Quanto mais a expressão vocal se espiritualiza, mais emprega os ritmos livres, como se dá nos Salmos, no Canto Gregoriano, enfim.

67 — As cadências dos *tons salmódicos simples* são ambas — a da mediante e a final — tônicas, isto é, se norteiam pelo acento tônico da palavra ou da frase que corresponde à nota mais alta.

As cadências do *Cursus latino* ou *cadência cursiva,* característica da prosa ciceroniana, consistem na distribuião harmoniosa dos pés, num período que finalizava por uma cadência de cinco sílabas, logo pentassilábica. Esta prosa erudita se situava entre a poesia, onde o movimento dos versos se submete a leis estritas, e a prosa do falar comum. Era a linguagem das pessoas cultas, dos oradores, das pessoas de fino gôsto e educação. Dir-se-ia: uma prosa medida.

Na *cadência cursiva,* as sílabas são distribuídas mecânicamente nas notas ou grupos de neumas da melodia — uma sílaba por grupo ou por nota.

Encontra-se esta prosa medida nas coletas, bênçãos, prefácios e outras orações da Liturgia. Os Padres da Igreja, mórmente São Leão Magno, manejavam magnìficamente esta prosa.

A cadência do cursus ou *cadência cursiva* de 5 sílabas era mais usada por ser mais ampla, importante e solene.

Forma habitual: *2 sílabas*, cesura, *3 sílabas*, por exemplo:

vo - ta pla - cá - tus

incremen - ta vir - tú - tum

1 2 3 4 5

Forma menos clássica: *3 sílabas*, cesura, *2 sílabas, por exemplo*:

Spirí - tu - i Sán - cto

dé - bi - tum sol - vìt

1 2 3 4 5

São inúmeros os exemplos de cadência cursivas nas Orações da Santa Missa e no Ofício Divino. É um descanso e um encanto de beleza para o ouvido — e de repouso para a alma sentir esta cadência chegar! Há cadências — construídas nêste tipo; e são as dos Salmos ornados, dos Introitos, dos Responsos do Ofício, versículos do Hino "Benedictus".

As cadências finais dos tons ornados — os dos Introitos — são *cursivas* e as da mediante são *tônicas*. São *melòdicamente* intangíveis, isto é, a melodia não muda; e as 5 últimas sílabas são colocadas mecânicamente nas 5 últimas notas, sem atender se estas sílabas são acentuadas, átonas ou finais.

Abaixo damos uma listinha de cadências cursivas encontradas nas orações do Sábado Santo (hoje da Vigília da Páscoa). É bom que cantem a oração inteira, prestando atenção

a estas cadências, apoiando delicadamente os ictus e levantando arredondadamente os acentos tônicos:

... spes *única múndi*	... *plenitudinem fontis*
1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
... *feecúndet efféctu*	... in *vítam aetérnam*
1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
... *omnípotens Déus*	... *regenerátor accénde*
1 2 3 4 5	1 2 3 4 5
... *Majestátis assistab*	... *Adae peccátum*
1 2 3 4 5	1 2 3 4 5

A salmodia simples, isto é, dos 8 tons simples, era destinada aos simples, à parte não cultivada da população. Para êles, então, se atendia às cadências tônicas.

A Salmódia ornada ficava reservada para a *Schola cantorum,* cujos membros se reputavam de certa cultura.

Folheiem seu "Liber Usualis" e cantem os belos Responsos do Ofício, como Motetes apropriados aos diferentes tempos litúrgicos, como por exemplo: "O magnum mysterium" — "Verbum caro factum est" — "Beata Dei Genitrix" — "Repleta sunt", etc.

Os do tempo da Paixão serviriam também para exercício de devoção como a da Via Sacra. Não só são todos composições de incomporáveis qualidades estéticas e de estilo distinto, mas ajudariam também a acender nas almas o ardor que o não conseguem as melodias adocicadas que nos são servidas pelos coros, ordinàriamente. Levar-se-ia menos tempo para cantar bem estas melodias do que para se conseguir cantar *como deve ser* uma composição harmonizada ou polifônica. Não basta apenas, nêste último caso, juntar bem as partes! é preciso que cada parte seja realmente *cantada* com perfeição antes de se harmonizarem... E isto leva muito tempo!...

68 — Nos grupos neumáticos chamados *scandicus caso de espécie,* Solesmes grafa um episema vertical sôbre a nota que precede a nota com forma de virga, mas que é um oriscus em grau superior. Cf. Off. de São Miguel, 29 de setembro, L. U. p. 1656, nas palavras *ha*bens, *au*reum (2. grupo), *fu*mus. Nêste episema *não* há alongamento, indica simples pouso rítmico.

69 — Chama-se *tórculus de ligação intensiva* aquêle que, no decorrer duma frase, membro ou inciso, leva um episema horizontal, abrangendo-lhe as três notas. A própria denominação já lhe indica a função expressiva. Cf. Gradual "Clamaverunt justi", III Missa de Muitos Mártires, L.U. p. 1170: encontram-se quatro no Gradual, um no "Alleluia, Te Martyrum". Não confundi-lo com a *cadência* de tórculus episemático nas três notas, própria das palavras espondaicas, comumente, e que se denomina: *cadência espondaica ornada*, para diferenar da da mesma *cadência simples* feita por dois punctuns pontuados. Cf. no mesmo "Aleluia" acima indicado a ladência de "candidatus": é ornada; e cf. adiante p. 1173, na Ant. do Magnificat em "Alleluia" a cadência simples. Adiante, na p. 1185, no "Alleluia" do Communio "Fidelis servus" temos êstes dois casos um ao lado do outro.

70 - a) Sim, certamente. Repito: tôda nota longa caminha — do 1.º para o 2.º tempo; *não é parada de 2 tempos*. E também: tôda nota longa é preparada por um levantar na nota que a precede, funcionando como arsis elementar;

b) quanto ao episema horizontal e seu papel, já foi longamente tratado o assunto na Revista Gregoriana ns. 27 e 28 de 1958;

c) sim, o podatus de acento tônico leva ordinàriamente um episema horizontal em baixo de sua primeira nota, mas abrange as duas notas, que se devem arredondar.

72 — Não confunda melodia "invertida" com *cadência de dominante*, têrmo não usado em gregoriano. Por exemplo, no Communio "Fidelis servus" a entoação, até "prudens" está em melodia "invertida", aterrissagem provisória no RE agudo, *hábito* comum do Tetrardus; mas não há cadência aí em RE. Há apenas uma curva melódica de Tetrardus sem característica precisa na cadência provisória RE.

Irmã M.-Rose Porto O.P.

VIDA DO INSTITUTO PIO X

O "INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO" comunica as datas escolhidas para os seguintes movimentos, durante as férias próximas:

1.ª SEMANAS DE ESTUDO DO MÉTODO WARD, destinadas à *formação de professôres* — 15 dias (fora os domingos).

Local: Colégio Assunção, Alameda Lorena 665 — São Paulo (Capital).

Datas: De 8 a 25 de janeiro de 1961, para os iniciantes; de 26 a 31 de janeiro de 1961, para os que iniciaram o Método de 2 a 15 de fevereiro de 1958, e que o tenham praticado já durante um ano ao menos. Aos que não estejam no caso, aconselhamos fazer o Curso de 8 a 25 de janeiro.

Horário: De 8 horas às 11 horas e de 14 horas às 16 horas

Professôra: Irmã Maria Lina O. P., recém-chegada do "Institut Grégorien de Paris".

Contribuição pelo Curso de 15 dias: Cr$ 800,00

Para as refeições entender-se com a Revda. Madre Superior do Colégio Assunção, enderêço acima.

É um *Método ideal* que ministra ensino da música figurada e da gregoriana às crianças. Confiem em nosso conselho e façam o Curso.

Pedimos *instantemente* que escrevam ao "Instituto Pio X do Rio de Janeiro" — Rua Real Grandeza 108 — Botafogo — Rio de Janeiro — Estado da Guanabara, firmando suas matrículas, com a necessária antecedência, no máximo até o dia 25 de dezembro. Isto facilitará a organização do Curso Ward.

Ficaremos gratos pela colaboração.

2.ª SEMANA DE ESTUDOS DE CANTO GREGORIANO

Local: Colégio "Bom Conselho" — Rua Ramiro Barcelos 996 — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul

Datas: De 19 a 29 de janeiro de 1961.

Haverá *exclusivamente* o ensino do 1.º ANO de Canto Gregoriano, única atividade pela qual o Instituto Pio X se responsabiliza.

Para esclarecimentos, escrever para o "Instituto Pio X ou diretamente ao

Revmo. Pe. Frei Marcial de Criúva, O.F.M. Cap.

Rua Paulino Chaves 291 — Caixa Postal 35 — Partenon Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul.

Concluindo:

a) Não haverá, pois, Semana de Estudo de Canto Gregoriano em São Paulo, em janeiro próximo, para facilitar a freqüência à Sessão do Método Ward; não há possibilidade de conciliar a Semana de Canto Gregoriano com a do Método Ward.

b) Os alunos de 2.º e 3.º anos poderão vir à Semana de Estudos de Canto Gregoriano na 2.ª quinzena do mês de julho, no Rio de Janeiro. Por isso, não corram com seus trabalhos escritos no Curso por Correspondência. Façam-nos com calma e bem feitos.

c Quem quiser, poderá fazer o 1.º Ano em Pôrto Alegre, em janeiro, ou no Rio em julho de 1961.

d) As professoras do Curso por Correspondência entram em férias de 15 de janeiro a 1.º de março; logo os alunos podem mandar seus trabalhos, mas só receberão as correções após as férias.

CRÔNICA DA 17.ª SEMANA DE CANTO GREGORIANO

Dia 18 de julho (segunda-feira).

Às 8,30 já se cumprimentavam felizes os alunos que participariam dos trabalhos da 17.ª Semana Gregoriana do Instituto Pio X, desta vez reunidos no Colégio Santo Amaro, no Rio de Janeiro. Vindos de vários pontos do país, sobretudo do centro e do sul, eram ao todo quase 80. Muitos já se conheciam de semanas anteriores realizadas aquí ou em São Paulo. Sempre aquela irradiação de alegria e disposição de aprender a cantar a música litúrgica por excelência, aquela variedade dos hábitos religiosos a demonstrar com eloqüência a unidade dos corações na variedade multiforme da vida religiosa na Igreja, e por fim, o número sempre crescente dos seminaristas provenientes de vários seminários.

Iniciam-se os trabalhos: todos ao salão de festas para o primeiro ensáio geral afim de preparar a Missa de Abereura. D. Laura vai polindo de início as arestas do canto um pouco "enferrujado" e logo já aparecem os resultados num gregoriano leve e delicado embora ainda não tão perfeito como haverá no fim de samana.

Às 10,30 temos a satisfação especialíssima de cantar a primeira missa: o calendário aponta a festa de S. Camilo

de Lelis, confessor. O comum será o da Missa XVI. Tudo muito bem.

Às 11.30, almôço para os semi-internos (muito sensibilizados ficam todos com a delicadeza simpática das religiosas beneditinas).

Às 14 horas, é retomado o ritmo das atividades. D. Stella administra suas excelentes aulas de impostação da voz. D. Laura inicia com os primeiranistas o curso de dicção e ritmo verbal, enquanto o 2.º e 3.º anos recebem de D. João Evangelista suas conceituadas explicações paleográficas sôbre sálicus e scândicus.

Às 15.30, ensáio geral com D. João Evangelista, preparando-se as missas da semana.

Dia 19 (terça-feira).

Às 8.30 têm início as aulas regulamentares de teoria para as diversas séries. A 1.ª, sempre numerosa fica a cargo de D. Laura. Cabe-nos a 2.ª e à Irmã Marie-Rose a 3.ª. Cinco quartos de hora para o aprofundamento teórico dos alunos, num tempo preciosíssimo onde todos querem aprender ao máximo; e depois de uma pausa, as aplicações práticas do que já foi estudado, na preparação dos textos para o ensáio geral.

A parte da tarde, igual ao dia precedente. Dentro do mesmo esquema vamos passar os dias seguintes, até chegarmos ao

Dia 23 (sábado).

Segundo o calendário beneditino, cantamos a Missa "Salve Sancta Parens". Pudemos ouvir bem à distância e penetrar no sentido espiritual da mensagem litúrgica assim celebrada com tanto esplendor sonoro unido à simplicidade da monodia gregoriana. Os cânticos tão artìsticamente polidos, sob a direção segura e proveitosa de D. João, são impregnados de uma lição de fé e amor, conduzindo todos a uma glorificação radiante a Deus que nos concedeu Seu Filho por meio da Santíssima Virgem. Os intróito, gradual, aleluia, ofertório e comúnio, unidos à simplicidade encantadora da Missa X, constituiram, talvez, em apresentação magnífica, o ponto alto das execuções musicais de tôda a semana. Evidentemente, o clima sobrenatural logo se fêz sentir, e cremos que

ninguém deixou de rezar com amor em tal atmosfera serena e espiritualizante.

Dia 24 (Domingo).

A Missa do VII Domingo depois de Pentecostes é cantada solenemente no Mosteiro de S. Bento. Pôde-se assim, fazer um diálogo cantado: aos monges respondem os semanistas, agora impressionados pelo ambiente austero e solene da Abadia. Ainda aí, os mesmos elementos positivos de boa execução, as frases bem contornadas, os polos melódicos bem expressivos e a leveza das cadências. Um pequeno desajustamento na frase inicial do gradual é imediatamente reparado, mantendo-se o equilíbrio rítmico, evidenciando a direção segura e a atenção dos cantores.

Dia 27 (quarta-feira)

Canta-se a Missa de Requiem em sufrágio da alma da ex-aluna Maria Flora Assunção, que ainda no início do ano participou ativamente da Semana Gregoriana de S. Paulo e cujo 30.º dia de sua morte transcorre. O pesar de todos quantos a conheceram foi muito grande e certamente influênciou neste canto que resulta impressionante na sua seriedade exterior e seriedade espirtual interna. A piedade individual cede à comunitária e o resultado se apressa: um canto unificado na beleza de seu conteúdo e na sua manifestação sonora.

Dia 29 (sexta-feira)

Missa de Encerramento: repete-se a missa do VII Domingo. Embora em sua realização não pareça ter sido tão bem executada como as precedentes (não significa ter saído sem boa apresentação: somos exigentes, mas sabemos o quanto custa conseguir a metade do que se conseguiu...) foi digno louvor e eloqüente canto de ação de graças.

Após o canto do Magnificat, reuniram-se professores e alunos para ouvir um recital organizado com professores e alunos da Semana. Números de piano e vocais se fizeram ouvir. De maneira especial mencionamos os de D. Stella Carvalho, D. Ludna e D. Ana Derizans, que demonstraram seus talentos artísticos, grangeando nossas sinceras palavras de felicitações e aplausos.

Houve palavras de despedidas da parte dos alunos e, representando o Instituto, de seu Diretor. Palavras de agradecimento aos presentes e de maneira especial ao Colégio Santo Amaro que com alegre "caridade beneditina" acolheu os semanistas.

E no fim de tudo, pedimos licença para uma palavra ainda. Queríamos pùblicamente agradecer a quantos proporcionaram hospedagem e assistência aos já numerosos seminaristas participantes das Semanas e especialmente ao próprio Instituto Pio X que o fazia com imenso esfôrço e aprêço. Como batalhadores que somos pela formação musical de nosso Seminário Arquidiocesano, temos visto a situação aflitiva da música litúrgica em nossos seminários brasileiros: raro é aquêle a possuir um professor encarregado da formação dos futuros sacerdotes! Aos seminaristas que estão cursando as Semanas Gregorianas caberá talvez a renovação de nossos seminários. Sua boa vontade, seus sacrifícios e esforços precisam ser bem avaliados e amparados afim de, em poucos anos, uma fisionomia nova se evidenciar na formação litúrgica de nossos futuros padres. Qualquer trabalho realizado em prol dos seminários será útil não sòmente aos mesmos, mas a tôda a Igreja.

Pe. *Amaro Cavalcanti e Albuquerque.*

FESTA DE SÃO PIO X.

O Instituto Pio X. celebrou com solenidade a 3 de setembro último a festa de seu Santo Padroeiro. A Paróquia de Santa Teresa, no bairro do mesmo nome, à rua Aurea, graças à generosidade e compreensão do Revmo. Pároco, Monsenhor Joaquim Nabuco, acolheu-nos para que ali, com o assíduo grupo de paroquianos que se dedica ao Gregoriano, cantassemos a Missa "Extuli", celebrada pelo aluno Frei Gil, Capuchinho.

A ""schola" constituída de alunos do Instituto desempenhou-se bem do Próprio, nem sempre fácil, da nova Missa. O canto foi expressivo e sobretudo tranqüilo, como o observou muito bem Mons. Nabuco nas delicadas e entusiásticas palavras que nos dirigiu após a Missa. A "schola" revelou domínio suficiente do texto para poder interpretá-lo com espírito, para poder rezá-lo. O Comum da Missa n. X foi alternado entre a "schola" e mais de uma centena de meninas que vêm recebendo aulas das religiosas, nossas alunas. O canto das meninas tomou algumas vêzes um movimento

um tanto amplo, o que não ficou mal, dada a acústica da Igreja. Poderia haver algum progresso quanto à leveza do movimento, o que é sempre algo desejável, dado que o ritmo estava seguro.

Fizeram-se representar com bom número de alunas e as religiosas, respectivas diretoras do canto, os seguintes colégios:
Colégio Santos Anjos (Tijuca), Colégio Santo Amaro, Colégio Santos Anjos Custodios, Instituto João Alves Afonso, Educandário Sagrada Família.

O canto foi dirigido por D. João Evangelista Enout O.S.B., Diretor do Instituto Pio X que ao Evangelho disse algumas palavras sôbre a figura magnífica do Santo Papa que nos empresta seu nome e patrocínio.

Apreciação sôbre a REVISTA GREGORIANA

Em seu tradicionalíssimo rodapé das quartas-feiras no não menos tradicional "Jornal do Commércio" o conhecido crítico musical Andrade Muricy dedicou à nossa REVISTA uma lisongeira apreciação.

Dada a reconhecida competência e não menor autoridade do crítico não escondemos a satisfação de transcrever suas palavras.

REVISTA GREGORIANA

Temos no Brasil de hoje revistas universitárias, revistas de feição cultural e artística em número sem precedentes. Mencionarei algumas, ao acaso; Revista Brasileira de Filogia (Rio), Anhembi (S. Paulo), Kriterium (Belo Horizonte), Verbum (Rio), Letras (Curitiba), Nordeste (Recife), etc., etc. O mundo católico está quase sempre pèssimamente representado nêsse setor. "Verbum" já citado, órgão da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, não é de feição confessional marcada. "Música Sacra", criação do saudoso Frei Pedro Sinzig, O.F.M., desapareceu, depois de 18 anos de regularíssima publicação. Atualmente duas revistas católicas importantes saem no Rio de Janeiro: "A Ordem", criação de Jackson de Figueiredo, e já no seu 39.º ano de existência, e esta "Revista Gregoriana", já no seu 7.º. Apresentação sóbria, porém dum gôsto raro, especializadíssima, é órgão do Instituto Pio X do Rio de Janeiro, e dirigida por D. João Evangelista Enout, O.S.B., e Irmã Marie-Rose Porto,

O.P., sua fundadora e mantenedora infatigável e heróica. Contém sempre matéria de incontrastável valia, visto constituir, em grande parte, uma edição portuguêsa da Revue Grégorienne de Solesmes, França, de que são diretores Dom —. Gajard e A. Le Guennant. Os artigos brasileiros do n.º 40, de julho-agôsto últimos, são do mais elevado teor, e da autoria de Dom Cirilo Folch Gomes, Dom João Evangelista Enout e Dom Timóteo Amoroso Anastácio, beneditinos. Sobremodo importante a lição-conferência de Dom Jean Claire: "Ritmo e Modalidade "Cem Anos de Pesquisas Solesmenses" 1859-1959". Número substancioso, bem impresso e delicadamente ilustrado.

Andrade Muricy

Jornal do Commércio 21 *de setembro de* 1960

OPINIÕES

das alunas do "Curso S. Pio X" de Florianópolis. Irmã Aurélia, da Congregação da Divina Providência, o dirige. Fêz o curso com brilho e perseverança em Semanas de Estudos do Instituto Pio X do Rio de Janeiro, e vai lecionar na próxima semana de Pôrto Alegre.

"A música, a arte, a poesia, afinam a alma com Deus, porque induzem uma espécie de contacto com o Criador e Senhor do Universo".

Para ser franca digo que a princípio não gostei do Canto Gregoriano. Mas as muitas missas ensaiadas e cantadas fizeram-me aos poucos amiga do mesmo e agora já não o troco mais pela música moderna. O Canto Gregoriano bem cantado, acalma, enobrece e eleva a alma daquele que o canta e escuta. Êle acaba com tôdas as barreiras entre os fiéis e obriga a participar a assistência inteira ao louvor de Deus. O Cantochão tem um valor pacificante e purificador. Quanto mais identificada estiver a alma com o Canto Ofcial da Igreja, mais sentirá crescer em si os sentimentos de paz e saberá distinguir a infinita variedade das expressões que escapam a um olhar superficial. O Cantochão bem cantado é uma pregação; mal cantado, uma tortura.

Além de vários ensaios, temos uma aula teórica por semana. No princípio estas aulas foram muito difíceis para algumas, pois, talvez nem conheciam os nomes das notas e agora, logo deviam guardar os nomes "complicados" dos neumas gregorianos. Mas, com o esfôrço incansável de nossa professôra, recebemos, nas últimas aulas, a explicação do movimento rítmico, que no Cantochão diverge muito

do rítmo da música moderna. Achei isto muito interessante e até pude tirar proveito para a minha vida em comunidade. "A união que há entre as notas. Uma ajuda a outra, conforme a necessidade, para que tudo esteja no ritmo".

O Canto Gregoriano, educa e nos ajuda na formação de nossa personalidade. Sua melodia sóbria, sempre combina com o texto. Enobrece a alma de quem canta e de quem escuta. Forma e espiritualiza a consciência humana, conferindo-lhe caráter e madureza, sem a qual sua oração não pode ser muito profunda, nem muito ampla, nem muito pura.

A semente que Irmã Maria-Rose lançou, fundando o "Instituto Pio X", tornou-se árvore gigantesca. Esta por sua vêz frutificou, dando novas sementes que caíram em terra boa, no Colégio Coração de Jesus.

Deus abençoe seu futuro!

Irmã Vanilda — Noviça
Aluna do curso "S. Pio X"
Colégio Coração de Jesus
Florianópolis, Sta. Catarina

O Canto Gregoriano é música que se canta, que se vive e na qual se toma parte. Quanto mais a alma estiver identificada com Deus e com o Canto Oficial da Igreja, tanto mais ela sentirá em si uma paz e alegria profundas e fará do seu viver um reflexo do Deus Eterno.

"Sòmente àquele que junta sua voz ao côro será revelado o verdadeiro valor e beleza profunda do Cantochão".

Cada Colégio deveria ser um foco que ilumine as mentes dos que ainda o desconhecem. Só é preciso lançar a semente, porque a juventude está aberta e pronta para aceitá-la.

N.N.

O Canto Gregoriano difere do outro canto pela liberdade do ritmo que é muito bem ordenado, melodias puras, até delicadas. Neste canto não há nada de sentimental ou superficial, tudo está em seu lugar. Daí sua beleza!

N.N.

Quando cheguei aqui ao Colégio, o pior dos domingos foi o ensaio de canto. Não gostava de cantar o Canto Gregoriano, foi

cada domingo êste sacrifício; e assim fui-me acostumando sempre mais e agora estou gostando. Quando passa um domingo sem que haja missa cantada parece que falta uma coisa. E agora gosto muito do ensaio aos domingos.

N.N.

Aqui no Colégio a semente lançada está germinando o crescendo sempre mais. Com franqueza, a princípio não opreciava, mas nem um pouquinho, o Canto Gregoriano. Só depois das aulas de teoria que tivemos semanalmente foi que comecei a gostar. Também os muitos ensaios e a explicação dos textos da missa contribuiram para chegar a êste ponto. Emborra os nomes difíceis ou complicados dos neumas causassem espanto, não nos levou a desanimar...

Quanta coisa já aprendi!...

N.N.

"A semente caiu em terra boa:"

Podemos aplicar esta frase ao Canto Gregoriano no Colégio Coração de Jesus. Enquanto não se compreende o Cantochão, não se aprecia tanto, mas, depois que estudamos mais a fundo não desejamos outro canto. Depois de muitas aulas compreendo e gosto do mesmo. No começo achava interessante como se cantava: 1, 2; 1, 2, 3; mas, agora já sei! Graças aos esforços da Irmã Aurélia ,o Canto Gregoriano está germinando maravilhosamente no Colégio Coração de Jesus.

N.N.

O Canto Gregoriano é oração cantada, é contemplação. Quando bem cantadas, as melodias gregorianas encantam pela sua pureza, calma e sobretudo pela espiritualidade. Ele nos faz penetrar na esfera da Eternidade.

"Deus desce ao homem! O homem volta para Deus!"

Pelo Canto Gregoriano.

Com alegria sacrificamos nossas horas de recreio para ensaiarmos uma *missa gregoriana!*

A semente lançada...

Gosto muito do Canto Gregoriano. Gosto de vê-lo, sementinha que era, tornar-se uma árvore que lança raízes profundas na linda colina onde se encontra o nosso Colégio Coração de Jesus. Nos últimos dias tenho escutado muitas vêzes o Kyrie da IX missa que o

Curso Secundário está ensaiando. Então penso com alegria: a semente lançada já está bem desenvolvida. E que maravilhosos frutos produzirá, enriquecendo a alma de quantos têm a felicidade de conhecê-lo.

A semente veio de longe. A semeadura foi árdua, exigiu sacrifícios e espírito de iniciativa. Mas a mão que a lançava não se fechou, pois sabia que só o sacrifício gera coisas do alto. E assim, graças a tanta dedicação, fomos penetrando na esfera do Canto Gregoriano. Aos poucos começamos a descobrir a nobreza que êle encerra. Notamos que, na sua sobriedade, êle devia ter muito de Deus. E é realmente assim, pois as melodias gregorianas quase sempre têm como letra, passagens da Sagrada Escritura. Sendo a Bíblia um livro inspirado por Deus, as melodias que acompanham as palavras divinas, também devem ser divinas.

Começamos, também, a aprender a teoria gregoriana. Iniciamos um "Cursinho" e todos os domingos tínhamos meia hora de aula. A explicação dada de maneira simples e clara, estava ao alcance de todos. Era o comêço. Agora nós, Noviças, temos semanalmente uma aula de 45 minutos. Assim a teoria gregoriana faz parte das matérias que estudamos no Noviciado. Além disso, temos também a nossa "Schola Cantorum", formada por Noviças e Postulantes. Duas vêzes por semana nos reunimos para ensaiar as missas que cantaremos. Nossa dirigente nos prepara bem. Faz-nos penetrar no que a melodia e as palavras encerram. Mostra-nos também obras da antiguidade, principalmente páleo-cristãs e românicas. Estas nos ajudam a compreender melhor a linguagem nobre e profunda do Canto Gregoriano. Em julho dêste ano, pela primeira vêz, cantamos Canto-Chão nas festas da Profissão Religiosa e Vestição. Como nunca, sentimos que participávamos realmente da alegria das "Noivinhas", pois o Canto da Espôsa de Cristo que é a Igreja, nos unia. Esta fôrça de união que caracteriza o Canto Gregoriano assemelha-se à união que há entre as três Pessoas Divinas. É um canto belo, cheio de simplicidade como vemos na XVI missa. As vêzes, porém, a simplicidade dá lugar a uma grande variedade no canto ornado, a um subir que nos leva para perto de Deus e que o torna majestoso. Em sua simplicidade como em sua majestade, porém, é sempre nobre.

Mas não é apenas entre nós, Irmãs, que o Canto Gregoriano está se difundindo. Também às nossas alunas dos Cursos Normal e Ginasial são ministrados conhecimentos teóricos e práticos do Canto Oficial da Igreja. Até o nosso Curso Prmário já cantou a IX missa no dia em que, comemorando o "Dia do Professor" ofereceram uma santa missa nas intenções de suas mestras. Em breve o Curso Secundário também cantará a IX missa.

Assim a semente lançada vai crescendo. Esperamos que Deus

abençoe tão nobre empreendimento e que a "árvore gregoriana" estenda seus braços viçosos, cobrindo o povo brasileiro e a cristandade inteira com sua sombra vivificadora, para que todos sejam uma só voz de louvor ao Pai.

I. Cárola — Noviça
Aluna do curso "S. Pio X"
Colégio Coração de Jesus
Florianópolis, Sta. Catarina

FLORIANÓPOLIS, 3-11-60

Reverenda Irmã Maria-Rose

Só hoje me é possível responder sua carta do dia 4 de outubro e enviar-lhe algo sôbre o resultado do Canto Gregoriano em nosso Colégio. Cada aluna devia fazer um trabalho sôbre o mesmo. As Noviças têm semanalmente sua aula de teoria gregoriana. Mando pois dois exemplares e um e outro trecho das demais. A senhora poderá fazer deles o que quiser. Só lhe posso afirmar que nosso noviciado mostra grande interêsse no estudo do Canto Gregoriano Graças a Deus!

O Curso Primário, 443 crianças, já cantaram a IX missa. Houve ainda falhas que procurarei corrigir logo. O corinho fêz um papel bonito! Cantou afinadinho com suas vozes puras. As pequenas gostam muito de cantar o latim. Amanhã o Curso Ginasial e Normal cantará também a IX missa. Com estas 685 alunas trabalhei já a parte teórica. Sabem os nomes dos neumas, a colocação dos ictus e a contagem. Que Deus as anime para o futuro! — A C.R.B., Secção de Sta. Catarina, organizou uma série de conferências. E a sorte caiu sôbre mim de falar sôbre o Canto Gregoriano, no dia 31 de outubro entre 4,30 e 5,30 horas da tarde. Falei sôbre a evolução, a beleza, vantagem e efeitos do Canto-Chão. Fiz uma demonstração com alunas do Ginásio, analizando neumas e cantando o Kyrie IX. Ouvimos o Intróito, Gradual e Seqüência de Pentecostes, disco de Solesmes, precedido de breve explicação do texto e da melodia. No fim as pequenas do 1.º ano Primário cantaram o "Glória IX" que encantou a todos. Assim o trabalho aqui não falta e com a graça de Deus tudo se procura melhorar à medida do possível, para apresentar um Canto que seja verdadeiramente Gregoriano.

Cordiais saudações

da Irmã Aurélia

LIVROS EM REVISTA

L.J. Lebret e T. Suavet, RENOVAR O EXAME DE CONSCIÊNCIA, Livraria Duas Cidades, São Paulo 1959.

Em bôa tradução de Neusa e Jean Schwartz, a coleção "Cidade de Deus" apresenta mais essa utilíssima contribuição do movimento "Economia e Humanismo" à cristianização do nosso tempo.

Qual a resposta cristã que nossa conduta deve dar às multiformes solicitações da vida concreta nos dias de hoje?

Para os novos tempos e os novos problemas, novas formas, novas respostas. É claro que as grandes leis da Moral natural e evangélica valem para tôdas as épocas e situações, porquanto têm sempre por sujeito o mesmo "homem" e o mesmo "cristão". Resta, porém, que se encarnem na aplicação concreta, na individualidade, na unicidade da situação viva.

O presente livro destina-se a ser um valioso auxílio para que examinemos, com lealdade e profundeza, nossas responsabilidades e nossas respostas efetivas aos variados apêlos do século XX. A vida pessoal do jovem, do pai de família, do velho, do doente... a vida profissional do operário, do técnico, do comerciante, do médico, do jornalista... a vida social do cidadão, do político, do intelectual, do viajante... a vida religiosa do fiel, do sacerdote, da freira... eis algumas das muitas situações cuja problemática moral é passada em revista sob a forma do tradicional "exame de consciência", acrescentando-se à prespectiva daquilo que é estritamente pecado a das deficiências ou imperfeições de conduta que também importa sejam evitadas pelos que se empenham na construção de um mundo orientado para Deus. São principalmente os setores considerados profanos que os AA. focalizam, pois a consagração do profano é uma das tarefas básicas do cristão, embora poucos tenham dela uma consciência realmente viva.

Estamos, na verdade, diante de uma renovação do exame de consciência, onde veremos com clareza que não são apenas os pecados "cometidos" que pesam na balança de nossas dívidas para com Deus e Sua Cidade, mas também os pecados "por omissão" e a inércia face às canseiras do apostolado a que nos chama o Batismo.

D.C.G.

Sertillanges, O.P. "Recolhimento". Dez minutos de cultura espiritual por dia. Trad. da Abadia de N. S. das Graças. Editôra Itatiaia Limitada. Belo Horizonte 1960.

Na mesma coleção: as Fontes, com um intervalo de um ano apenas, surge como seqüência do livro "Espiritualidade" do célebre dominicano a sua obra de 1935, que conhece uma tradução italiana de 1944, "Recolhimento". Como em 1959 as tradutoras são as monjas beneditinas de N. S. das Graças de Belo Horizonte. Saudemos antes de tudo os esforços da editôra e das tradutoras que vêm nos dando traduções de obras espirituais de interêsse atual.

O autor do "St. Thomas d'Aquin" e "Le Christianisme et les philosophies" apresenta, na obra que consideramos, suas meditações sôbre problemas fundamentais do homem: o nosso destino, a felicidade, o tempo e a eternidade, a vida, a pobreza e a riqueza, a dor e a morte. O estilo é simples; rápidas considerações, que não querem ser completas. O próprio subtítulo o indica: dez minutos de cultura espiritual por dia. A fôrça do autor está na sua intuição filosófica dos problemas citados, unida com a sua índole de pedagogo que vai orientando as soluções para a única resposta: Deus.

A obra é de cunho tomista, apresentando uma insistência no papel da razão e das idéias na ordenação e orientação da vida espiritual e moral. É o são intelectualismo de S. Tomás. Assim afirma o autor: "Nós somos pensamento. O pensamento nos dirige. O segrêdo do destino então está aí: regular os pensamentos..." (p. 7) Entretanto esta idéia, segundo a qual devemos plasmar o nosso ser moral, é a que Deus faz e quer de nós. "Ser homem perfeito é realizar o pensamento que nos cria..." (p. 85) Os capítulos sexto (O ideal, a maior realidade) e cinqüenta e quatro (O outro divino) tratam desta idéia divina.

Tôdas as outras considerações podem ser resumidas como a realização desta idéia e as dificuldades, que lhe são opostas aqui na terra. Daí as meditações sôbre o conhecimento e a posse de si mesmo, o tempo, a vida conforme o espírito, decepções e desencanto, a dor. Só a morte e a ressurreição nos conduzirá à perfeição: "Os teólogos, inserindo-se entre Platão e Mallarmé, afirmam que desta idéia a ressurreição "muda em si mesmo" o morto, isto é, realiza sua idéia-tipo... O leito fúnebre já preludia esta retificação. Quase sempre enobrece os corpos." (p. 168) Trata o autor da "morte na beleza".

Se é êste o plano fundamental do livro, uma outra questão se põe acêrca do método. Como se explica que as citações bíblicas e mesma as referências à graça sejam tão poucas, diante do número de sentenças de poetas, pensadores profanos autores até de obras de outras religiões? Os problemas tratados não acham sua solução última na revelação? Ora estas perguntas são repondidas pelo estilo e método do Pe. Sertillanges. Quer subir da natureza ao criador, a Deus. Analisando os problemas tratados mostra a angústia dêstes, não acham solução nas coisas do mundo, mas só em Deus. Os autores profanos mostram sua insuficiência. Daí afirmações do ilustre dominicano como estas: "Feliz quem sabe levantar os véus da realidade cotidiana e aí descobrir Deus!" (p. 87(; "Indo além dos objetos humanos, fontes que não desalteram, encontra-se Deus." (p.118); "A dor, escândalo das filosofias e das almas, só tem êste único antídoto-amor. Mas com êle (antídoto-amor) em Deus, com êle em nós, tudo se transforma". (p.140). Enfim o capítulo sessenta e dois (O infinito desejo) trata mais longamente desta necessidade do homem, que é Deus.

Assim podemos dizer que a perspectiva do livro é antes da dos "praeambula fidei" do que a de uma teologia sobrenatural. Dizemos "antes", porque são várias as referências aos mistérios sobrenaturais: à graça e à fé, à união com as pessoas divinas, ao Cristo e à moral evangélica.

A tradução, que nem sempre guarda a beleza do estilo do autor, é boa. Contudo apresenta imprecisões na versão das palavras e das frases, às vêzes falseia o seu sentido exato.

Aconselhamos a obra, despretenciosa diante dos estudos volumosos do conhecido intelectual dominicano, nos que se salienta pela beleza, brevidade, profundeza dos pensamentos.

D. E. A.

"SALMOS E CÂNTICOS". Traduzidos e adaptados às melodias do P.J. Gelineau S.J. Agir, 1960.

Não há quem desconheça a importância da música de Gelineau para os Salmos e Cânticos, segundo o texto da bela e musical tradução francesa da Bíblia de Jerusalém. Essa música deu-nos a possibilidade de cantarmos em vernáculo os salmos que são a oração cantada do povo eleito e da Igreja a Igreja jamais deixou de cantar os salmos dos diversos Ofí- de Cristo que herdou êsse patrimônio antigo, enriquecido e transformado em um novo e mais pleno sentido. É certo que

cios nas inegualáveis melodias gregorianas que constituem a parte mais delicada e espiritual daquele tesouro musical e religioso. Essas melodias entretanto pedem a lingua latina e um texto apropriado para a salmódia. O povo naturalmente ama cantar os salmos em vernáculo e o movimento geral que passa pela Igreja no sentido de que o povo não permaneça mudo na assembléia do louvor teve a feliz iniciativa de musicar os textos de uma boa tradução. Assim é que os salmos de Gelineau são conhecidos e obtêm sucesso em tôda parte.

É natural que apareça agora, sob os auspícios da própria Comissão Arquidiocesana de Música Sacra do Rio de Janeiro, a publicação da tradução brasileira, já bem comprovada pela experiência, de 21 salmos e 4 cânticos, adaptados às melodias de Gelineau. A bem cuidada edição Agir que está fadada a um justo sucesso, inclui algumas "Anotações práticas para o uso dos Salmos" e um quadro analítico que indica os salmos mais apropriados para os diversos ciclos litúdgicos; para ocasiões especiais da vida cristã e administração dos sacramentos; para o culto dos santos e para os diversos momentos do Sacrifício da Missa. Não é demais notar que o uso de tais salmos na Missa, ainda que permitido com reservas, não deverá nunca ser um impecilho a uma verdadeira participação que deve a assembléia ter no Sacrifício do Altar. Ocupar o povo, fazê-lo rezar ou cantar, nem sempre, infelizmente, significa fazê-lo tomar parte, compreender e unir-se ao que se passa no centro da celebração que êle assiste. Que se tenha, pois, o cuidado de não permitir que o canto dos salmos seja, em certos momentos e em certa extensão, meio de distrair o povo e de torná-lo alheio ao que de mais importante e de maior interêsse se realiza na missa.

D. J. E.

Coleção "EVANGELHO" de *Cadernos Bíblicos*. Acabamos de receber os dois primeiros fascículos dessa magnífica coleção, cujos títulos são respectivamente: 1. "Converte-nos Senhor" e 2. "A Bíblia e a Virgem". A coleção é dirigida em França pelo P. Gourbillon O. P., sendo que sua edição franceza atinge uma tiragem de quase 100.000 exemplares anuais. A publicação em português dêsses cadernos de cultura cristã e especialmente de cultura bíblica é devida à iniciativa das publicações "Verdade e Vida", Fátima — Portugal dos Padres Dominicanos. Êsse trabalho conta com a preciosa colaboração do sacerdote português, P. Gustavo de Almeida que deu muito de sua competência e intensa ati-

vidade pastoral às mesmas publicações. Os cadernos são agora distribuidos entre nós pela Livraria Duas Cidades (C.P. 430 S. Paulo). A finalidade das publicações é "fazer-vos acompanhar e viver mais a fundo o mistério da Palavra de Deus — fazer secundar a vossa vida cristã integrando-a no seu plano essencial: a Bíblia." Os estudos são feitos com grande cuidado, refletindo o que de mais sério e seguro existe no momento como conhecimento bíblico, terão assim grande repercussão e prestarão um real auxílio aos Sacerdotes, seminaristas, religiosos e religiosas que tantas vêzes lutam com tanta dificuldade para obterem conferências espirituais e cursos realmente úteis à sua formação, enfim de modo geral a todos os meios católicos de cultura média. Os Cadernos Bíblicos apresentados sob o título geral de Coleção "EVANGELHO" ajudarão enormemente a conhecer e aprofundar o conhecimento da Palavra de Deus aos homens e a esclarecer muitos problemas suscitados por escritos de tão grande antigüidade e refletindo necessàriamente ambientes geográficos, históricos e sociais tão diferentes dos nossos.

O primeiro caderno intitulado "Converte-nos Senhor" estuda sistemàticamente o grande tema da conversão, da volta do homem para Deus, em suas diversas apresentações, na mensagem do Antigo Testamento, nas grandes figuras proféticas que lançaram, em nome de Deus, aos homens o chamado para a mudança de vida como uma maneira de aproximação do alto e principalmente na palavra do Cristo, que precedido pelo percurso — João Batista vem abrir para todos os homens o caminho da eternidade e da bem aventurança através da mensagem da caridade que supõe uma conversão, uma purificação, uma santificação. A palavra de Deus sôbre tema tão palpitante ao coração humano é apresentada de modo completo e accessível.

O segundo caderno "A Bíblia e a Virgem" usa do mesmo método de apresentação de um tema através do Antigo e do Novo Testamento, tendo aqui como centro a figura de Maria, escolhida e pre-escolhida, concebida já sem pecado para ser a Mãe do Verbo Encarnado. Tema de grande atualidade e atração na piedade e na teologia de nossos dias, é muito bem apresentado neste número da coleção EVANGELHO. Eis aí um ótimo instrumento de estudo teológico e bíblico, principalmente para leigos, fàcilmente posto à disposição dos mesmos.

D. J. E.

Merton, Thomas. O Pão no Deserto. Edit. Vozes Ltda. Petrópolis 1958. Bread in the Wilderness. Hollis and Carter, Londres 1954. Praying the Psalms. The Liturgal Press. Colegeville, Minnesota 1956. The Psalms are our Prayer. Burns Oates and Washbourne Ltd. Londres 1957.

Queremos considerar aqui uma série de publicações de Thomas Merton sôbre os salmos. Em primeiro lugar a tradução portuguêsa do "Bread in the Wilderness": O Pão no Deserto, feita pelas Irmãs da Companhia da Virgem de Petrópolis; depois a obra de poucas páginas, que apareceu com dois nomes diferentes: "Praying the Psalms" nos Estados Unidos em 1956, e "The Psalms are our Prayer" em Londres em 1957. Além do título apenas as citações do saltério em inglês são diferentes.

Nestas obras o nosso autor trata do problema atual da "personalização" dos salmos, se assim podemos dizer. Depois de uma primeira fase, em que se tinha que defender o valor dos salmos como oração por excelência, além de responder as dificuldades que se faziam ao uso dos salmos como oração; hoje a piedade católica se preocupa em fazer esta oração realmente participada e vivida pelo fiel. Corresponde esta evolução mais ou menos à da liturgia e da vida sacramental, que da consideração como "opus operatum" e "opus operantis Ecclesiae" vai passando à do "opus operantis" do fiel. Não basta que reconheçamos o valor dos salmos, mas é preciso que os façamos oração pessoal. Esta preocupação transparece bem numa passagem do "Praying the Psalms" p. 16: "uma posse real, profunda e pessoal dos nossos corações" devem ser os salmos. Assim os salmos não serão fórmulas antiquadas, hebraicas, de oração, mas a oração ensinada por Deus aos homens e por êstes realmente vivida.

Feita esta introdução passaremos a considerar a sua obra principal: O Pão no Deserto, acrescentando no fim uma nota sôbre a sua condensação e adaptação, que é o "Praying the Psalms".

O livro não é uma exposição sistemática sôbre os salmos, no início apresenta uma maior concatenação lógica, mas aos poucos vai passando para o estilo de exposição mais ou menos independentes. Os títulos passam a ser mais poéticos, repetições surgem, assuntos que não se esperavam sob os títulos aparecem. Ora, tudo isto não é um defeito do autor, é o estilo que prefere: "Êste livro não é um tratado siste-

mático, é apenas uma coleção de notas pessoais sôbre o saltério". (p. 17)

No prólogo o autor nos explica o assunto, o título e quem são os leitores da obra. "É um livro sôbre os salmos" (p. 15), mas que trata dêstes enquanto oração pessoal do monge, alimento espiritual dos que seguem o Cristo no deserto: Entretano desconfia que o seu público será mais vasto: " não podemos prever quais serão os leitores destas páginas — ainda que não se espere atingir tôda gente." (p.17).

Divide a obra em cinco partes: Salmos e contemplação; Poesia, simbolismo e tipologia; Sacramenta Scripturarum; A perfeita lei da liberdade; A sombra de tuas asas. Estas se subdividem com vários subtítulos.

Diremos que se pode perceber uma evolução na obra. Depois de feita a introdução ao problema, o autor passa da consideração intelectual da "personalização" dos salmos à afetiva. Ora isto se compreende, a posse dos salmos pelas nossas pessoas deve ser feita com a nossa inteligência e a nossa vontade. Assim vemos Thomas Merton começar com o estudo dos sentidos das Sagradas Escrituras e acabar com considerações sôbre a contemplação mística.

Depois do prólobo nas primeiras partes explica a questão, trata-se de unir a recitação dos salmos com a contemplação. Dá-nos o exemplo dos Santos Padres, dos Padres do Deserto, de S. Bento e principalmente de Cassiano, de quem cita as conferências 9 e 10 sôbre a oração. Todos êstes não opunham contemplação e liturgia, mas uniam estas duas realidades, e realizavam a contemplação na liturgia. Cita a "oração de Fogo" de Cassiano. (p. 39).

Seguem-se, então, considerações sôbre o problema dos sentidos da Sagrada Escritura. Tipologia ou alegoria? O autor se pronuncia a favor do sentido tipológico. Mas não parece que o autor se contradiz? Antes havia negado o uso de "métodos" especiais na oração com os salmos, agora nos ensina a usar da tipologia para alcançar o sentido espiritual. Não é êste uso um método? O que o autor queria negar (p. 27) era o método de pispor as potências da imaginação e da afetividade, que se encontram em certas devoções modernas; o que aqui nos ensina é um método intelectual, mais teológico que psicológico, para usar a terminologia do autor (p. 26).

Vêm a seguir alguns títulos que tratam da importância e da conexão dos salmos com tôda a vida sobrenatural do

cristão. Os títulos principais são: Cânticos da Cidade de Deus; e por tôda a terceira parte, Palavras como sinais e "sacramentos", Transformação na Descoberta, "Mistérios Visíveis", "Quando Israel saiu do Egito". Os salmos são a oração da Igreja, do Corpo Místico, do Cristo Total. Tôda a economia sobrenatural é explicada com o conceito "mistério", o têrmo desta economia é o mistério dos mistérios: a Eucaristia. Com esta se une ìntimamente o saltério. Thomas Merton desenvolve ambém a analogia entre o sacrifício da Missa e a oração litúrgica dos salmos, como desenvolvera a do pão eucarístico com o alimento das escrituras e dos salmos. Trazemos para a nossa oração tôda a nossa vida, suas tristezas e suas alegrias, identificamo-la com a vida do Cristo e da Igreja, que se acha nos salmos, e sob ação do Espírito Santo existe uma espécie de tranformação da nossa vida que acaba com a descoberta de Deus nos salmos, ou melhor, na revelação que Êste faz de Si mesmo no saltério. Esta interessante consideração dos salmos sob um aspecto dinâmico, semelhante ao do sacrifício eucarístico, o autor desenvolve no capítulo: Transformação na descoberta.

Nas últimas partes desenvolve mais os aspectos afetivos da "personalização". Sem dúvida antes já começara a tratar dêstes, mas agora dedica as duas últimas partes exclusivabente a êstes. Estuda as disposições e os efeitos da oração com os salmos. O amor e a caridade são preparação e efeitos da salmódia, assim afirma que a caridade é: "a chave para a compreensão do saltério", "a plena realização do saltério" (p. 158.. Une nìtidamente conhecimento e amor na experiência cristã dos salmos. Como remate de tôda a obra Thomas Merton vai tratar da contemplação e da experiência mística, e suas relações com os salmos.

Um epílogo resume o problema e a solução do autor.

"O Pão no Deserto" é uma contribuição preciosa para os que querem fazer do saltério o seu livro de oração. Thomas Merton nos apresenta uma concepção grande do que é o saltério, que está ligado com tôda a vida sobrenatural, no que tem de mais importante. É quase um desenvolvimento da Eucaristia. Resta-nos vivê-lo experimentalmente e fazê-lo nossa resposta pessoal a Deus. Para isso intelectualmente o sentido espiritual nos permite de aplicar os salmos ao Cristo, à vida da Igreja, à vida da nossa alma. A tipologia é o método para acharmos o sentido espiritual. No campo afetivo a caridade oferece nossa vida a Deus nos salmos. Os efeitos de tal

oferecimento sob o trabalho do Espírito Santo é a perfeição do amor e a contemplação mística. Os salmos serão então vividos experimentalmente, pessoalmente por nós. Serão a oração da Igreja, do Cristo Total, a nossa.

Nesta síntese não acharemos nossas questões especulativas e sutis resolvidas, a fôrça da obra está numa forma literária, feliz em expressão, clara na exposição, simples para os seus leitores. É o dom de Thomas Merton, escrever bem. Mas seria injusto limitar o valor da obra a êste aspecto. O autor preocupado de que os salmos sejam realmente vividos. sejam "experiência" cmo costuma dizer, chega a uma bela síntese de todos os aspectos intelectuais, místicos e eclesiásticos do saltério. Aliás é nos nosso tempos a síntese mais completa sôbre os salmos.

Contudo queremos fazer duas observações acêrca da obra. A primeira é que o autor não dá importância à alegoria como meio de achar o sentido espiritual das Escrituras, quase que o restringe à aplicação da tipologia. Ora o autor com estas considerações não só esquece uma fase importante na "personalização" dos salmos, como também todo o patrimônio da exegese patrística e posterior, que usa, embora concedamos que também abuse, da alegoria. Por exemplo, a exegese de S. Agostinho, de S. Bernardo e S. João da Cruz, autores amados por Thomas Merton, não estão cheios de rica e lícita alegoria? (1).

A segunda é como o autor propõe na p. 87 o uso da palavra sacramento em S. Agostinho, dita das escrituras. O modo de expor parece supor que S. Agostinho estende o nosso sentido da palavra sacramento, que tinha nos Padres um sentido mais vasto que incluia as Escrituras, com o decorrer do tempo foi restrita aos nossos sete sacramentos. Parece-nos que o autor conhece muito bem tal evolução, entretanto o modo de expor não é preciso.

É interessante nesta síntese notar algumas das fontes. Assim os estudos de tipologia do Pe. Daniélou, conceitos de mística de S. João da Cruz,os salmos como oração do Cristo, Total de S. Agostinho, as conferências de Cassiano sôbre a oração, o primado da caridade inculcado pela teologia moral modernas, as concepções monástico-litúrgicas do autor. E a

---

(1) Para o problema da alegoria e da tipologia dos salmos sf. Vandenbrouck, François: Les Psaumes et le Chist. Louvain 1955. Ou um compêndio, como Schmitd. Hermann: Introductio in Liturgiam Occidentalem. Roma 1960.

insistência na experiência vital dos salmos, na lei da liberdade, que é a caridade, não são traços de uma piedade americana?

Uma introdução oportuna de D. Estevão Bettencourt, que tanto trabalhou pela difusão dos salmos como oração, e a tradução das Irmãs da Companhia da Virgem valorizam ainda mais o livro. O leitor pode percorrer o livro numa tradução correta e bem articulada, sem notar que é uma tradução.

Aconselhamos aos nossos leitores tal obra, não só pelo seu valor, bas também porque corresponde a esta preocupação da Revista Gregoriana, que é de fazer a oração cantada e recitada da Igreja não só exteriormente correta e bela, mas ainda profunda e frutuosamente vivida.

Quanto às duas publicações em inglês acrescentamos uma pequena nota. É uma obra breve feita para propaganda e divulgação. O público é mais vasto: todos os fiéis. A concepção do saltério, sua importância, seu papel na liturgia e vida da Igreja é a mesma. O problema o mesmo, fazer que o saltério seja rezado e vivido pelos fiéis. Conselhos práticos, sugestões para a oração dos salmos na família e na vida do cristão são dados. No fim a aplicação de certos salmos a situação da vida quotidiana é feita com muitos exemplos. A divisão dos que reconhecem o valor do saltério em três classes, que se acha no "Praying the Psalms" (pp. 12s), é própria dêste livro: são os que concedem o valor dos salmos como oração, mas preferem utras formas de oração; são os que reconhecem o seu valor e recitam os salmos, mas não entram no sentido ds aslms; afinal existem aquêles que entram no sentido dos salmos e vivem-no.

"Praying the Psalms", públicado mais tarde com o título de: "The Psalms are our Prayer", é um resumo e uma adaptação do "Bread in the Wilderness" (O Pão no Deserto).

D.E.A. . .

Barbosa, D. Marcos OSB. A Noite será como o Dia. Autos de Natal. Livraria Agir Editôra. Rio de Janeiro 1959.

"O presente volume gira todo em tôrno de Natal. Compreende catorze Autos escritos quer para a comunidade de monges, quer para paróquias, grupos de A.C. ou famílias

amigas de Dom Marcos. Foram todos representados, o próprio autor servindo muitas vêzes de metteur-en-ecène e até mesmo de ator.

No fim do livro há ainda alguns poemas de Natal, tradução de hinos litúrgicos do Tempo de Natal, e uma palestra".

"Banhados que foram na realidade dramática vivida, os versos límpidos e corridos de Dom Marcos Barbosa guardam a frescura e a fôrça dos fatos que tiveram lugar. Mas exigem do leitor, evidentemente, uma participação ativa do que a tranqüila displicência com que nos entregamos habitualmente à leitura, para as virtudes pròpriamente dramáticas venham à tona do texto."

Para todos aquêles que cantam gregoriano ou que têm gôsto em acompanhar as maravilhosas melodias gregorianas, temos a satisfação de anunciar para breve:

A SEMANA SANTA

Edição com *Canto Gregoriano* pelos Beneditinos de Solesmes. Os textos originais são acompanhados de tradução portuguêsa pelos Beneditinos do Rio de Janeiro.

Façam seus pedidos às Edições Lumen Chisti C.P. 2.666 Rio de Janeiro — Estado da Guanabara.

DISCOS EM REVISTA

Heinrich ISAAK: MISSA CARMINUM

MÚSICA CORAL

— Vienna Akademie Kammerchor
— Ferdinand GROSSMANN,rejente.
— Westminster-Sinter (SLP-5617)

Heinrich Isaak (cêrca de 1450-1517) é um dos nomes mais ilustres da polifonia clássica pré-palestriniana do fim do século XV e início do XVI. Com OBRECHT, OCKEGHEM e JOSQUIN DE PRÈS, forma um quarteto que se esmerou profundamente nas construções polifônicas, preparando o apogeu suseqüentes das mesmas com o grande PALESTRINA, VICTORIA e LASSUS.

Foi um músico "metropolita" disputado por diversos monarcas, conhecido e apreciado por alemães, italianos e francêses, compondo em seus estilos e usando suas línguas. Viveu nas côrtes de Florença, Ferrara e Roma principalmente, mas viajando sempre, encontrou meios e ambiente para manifestar a sua arte tanto no gênero sacro como profano.

A presente gravação atesta precisamente esta asserção. Numa face, é apresentada a sua "MISSA CARMINUM" constando de encantadoras paginas onde uma polifonia tranqüila consegue transmitir dentro de um ambiente religioso tudo quanto as palavras significam. O andamento quase sempre lento favorece o clima espiritual desta obra onde o autor atesta eloqüentemente seu alto poder de expressão, unindo à solene majestade polifônica a simplicidade temática obtida pelo aproveitamento de motivos do Canto Gregoriano. A fidelidade ao texto é impressinante e sua explêndida execução pelo Côro de Câmera da Academia de Viena, evoca profunda espiritualidade.

No outro lado do disco são apresentados vários motetes: apenas um sacro — "Jubilate" — sôbre assunto da Ascensão do Senhor, baseado no Salmo 46, e os demais são canções em vernáculo. Utiliza o autor a língua teutônica em motetes profanos, que na história da música são célebres como "Innsbruck, Ich muss dich Lassen" (Innsbruk, devo deixar-te), canto de despedida vivido pelo próprio Isaak. Seguem-

se outros motetes profanos onde o tema constante é o amor humano às vêzes até por demais sensível (Ich stund au einem Morgen — Zwichen Perg — Mein'Freud — Mein Lieb Es wolt ein Meydlein grasen gan — Greiner, Zank, Schnõpfitzer) e em francês "Ami soufre".

Esta música profana do grande mestre cotnrasta com a religiosidade da Missa Carminum.

* * *

A gravação é muito boa e se nos apresenta artìsticamente notável na Missa. Impõe-se no cenário musical o VIENNA AKADEMIE KAMMERCHOR, que sob a regência estudiosa e abalizada de FERDINAND GROSSMANN já nos tem dado outras obras primas que a Sinter oferece aos ouvintes brasileiros, agora sob a orientação comercial da Companhia Brasileira de Discos.

Georges-Frederich HÂNDEL: ISRAEL NO EGITO

(Oratório)

— Conjunto de Coros da Universidade de UTAH
— Regentes: David A. Shand, Richard P. Condie, J. Marlow Nielson
— Orquestra Sinfônica de Utah
— Regente: Maurice ABRAVANEL
— Solistas: Blanche Christense (S), Collen Bischoff (S), Grace Bumbry (C), Dale Blackburn (T), Don Whatts (B), Warren Wood (B).
— Organista: Alexander Schreiner
— Cravista: Ardeen Watts.
— Gravação: Westminster-Sinter (SLP- 5522/3) em dois discos LP.

. . . . . .

1

ISRAEL NO EGITO é um dos grandes oratórios composto por Hândel, e poderíamos quase dizer que é irmão de sua grande obra religiosa, o oratório MESSIAS, pois o primeiro foi composto em 1738 e o segundo em 1741. A grandiosa majestade dos coros e a espiritualidade dos temas são elos que prendem u mao outro. Israel é bem menor e possui

umnúmero muito grande de coros que se sucedem às vêzes sem nenhuma ária de permeio, o que é comum no Messias.

Històricamente, parece que o autor quis, de início, apenas fazer um oratório que teria denominação de "Êxodo" e constaria sòmente do Cântico de Moisés, como o livro sagrado do Êxodo relata. Todavia, Hândel ao Cântico acrescentou um extenso prólogo, relatando as pragas do Egito e a libertação do povo hebreu. Assim, temos hoje o oratório constituído destas duas partes.

Ambas se distinguem mesmo no processo musical empregado, usando o autor, na primeira parte, muitos elementos descritivos, dando uma vida especial ao texto (o que não é quase empregado na sua época), onde a música programática raramente era aceita. Mas de fato há uma resultante a chamar a atenção do ouvinte: descrições bem feitas segundo os textos. Podemos mencionar de modo especial os coros ou árias intituladas "E os filhos de Israel gemeram", "A terra produziu rãs", "E vieram as môscas", "Mudou as suas chuvas em granizo" além dos coros onde se descrevem as trevas espêssas, e com batidas fortes, a morte dos primogênitos.

No Cântico de Moisés, isto é, a segunda parte, temos uma seqüência grandiosa de coros duplos, que dão à obra um caráter excepcionalmente majestoso. Impressionante em sua impornência é o côro que a inicia e finaliza, e diz "Cantemos ao Senhor porquanto gloriosamente se magnificou, submergindo no mar o cavalo e o cavalheiro".

Distinguem-se pelo interêsse que desperta o dueto de dois baixos, iniciado com as palavras "O Senhor é como um homem guerreiro. O mesmo se dirá da linda ária de tenor "Disse o inimigo" e a do contralto "Tu os introduzirás". Pelo aparato exterior e poder intensivo dos coros duplos são soberbos os coros: "Êste é o meu Deus e eu o glorificarei", "A tua dextra, Senhor, se magnificou pela fortaleza", "O Senhor reinará eternamente" e o célebre "Levantaram-se os povos" tido por muitos como o mais grandioso côro de Hândel.

Com todos êstes pormenores, podemos concluir que êste oratório terá uma radiosa mensagem ao ouvinte que escutar os textos bíblicos interpretados com tanto esplendor. É êste, verdadeiramente, o magnífico resultado da obra religiosa de Hândel: uma saudável mensagem de fé unida à arte, elevando os corações.

Pelo grande número de coros duplos, pela expansão grandiosa que os mesmos necessitam para a revelação exata de seu conteúdo, são precisos vários coros. E a Universidade de Utah preparou os seus pera esta gravação, tècnicamente muito boa: é claro que nem sempre há um equilíbrio perfeito que permita a inteligibilidade do texto e o entendimento das vozes, porém isto se perde no vigor polifônico do conjunto. A orquestra unida aos coros sob a direção de ABRAVANEL dá um acabamento sempre de maior perfeição.

ISRAEL NO EGITO não deve faltar nas coleções de música religiosa. Recomendamos vivamente às comunidades, de modo especial aos seminários onde a formação dos seminaristas deve ser alimentada com peças extra-litúrgicas, que darão aos jovens uma comprensão cada vez maior dos altos valores que obras-primas como esta são aptas a transmitir.

Pe. *Amaro Cavalcanti e Albuquerque*
Secretário da Comissão Arquidiocesana de
Música Sacra e Professor do Seminário S. José

Aos nossos leitores do Sul recomendamos:

"ECOS DE VERDADE E VIDA"

PROGRAMA RADIOFÔNICO

RÁDIO ELDORADO CATARINENSE

CRICIÚMA SANTA CATARINA
Tôdas as terças, quintas e sábados às 6,30 horas

ENDERÊÇO: Caixa Postal, 81
DIREÇÃO: Pe. Estanislau Cizéski e Pe. Manuel J. Francisco.
COLABORADORES: Dr. Benedito N. da Rocha, Plinio Zapelini e Rodeval J. Alves.

O PROGRAMA DA FAMÍLIA CATÓLICA CATARINENSE!

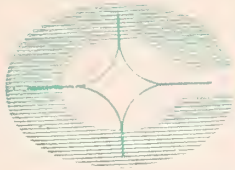
Indice geral da Revista Gregoriana 1960

		N.º	Págs.
	Ano Novo	37	2
ABBÉ JEAN BIHAN	Mensagem aos Nossos Amigos do Instituto PIO X do Rio de Janeiro	37	3
	A Música Sacra e o Concílio Ecumênico	37	35
	ESPIRITUALIDADE E LITURGIA		
D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT, O.S.B.	— O salmo 109 — "Dixit Dominus"	37	5
	— O salmo 109,4 — "Tu es Sacerdos"	38	2
	— O salmo 109,7 — "Em seu caminho beberá da torrente"	39	18
	— O salmo 23 — "De Deus é a terra"	40	19
	— O salmo 84	41-42	16
	— O salmo "Benedixisti" na Liturgia do Advento	41-42	28
———	— Sermão de São Leão Magno sôbre São Pedro e S. Paulo..	39	5
D. ESTÊVÃO BETTENCOURT, O.S.B.	— Esclarecimentos pedidos	34	30
	— " "	41-42	54
	— " "	36	40
D. CIRILO FOLCH GOMES, O.S.B.	— O exegeta de Deus	37	22
	— O Bom Pastor	38	13
	— S. Pedro e S. Paulo ...	39	2
	— A transfiguração do Senhor	40	
	— O culto de Nossa Senhora	41-42	5
D. TIMÓTEO AMOROSO ANASTÁCIO, O.S.B.	— Uma página de Santo Agostinho sôbre a oração	39	27
	— No Deserto de Deus ...	40	23
	— Perspectivas do Natal ..	41-42	2

D. PAULO ROCHA, O.S.B	— A Missa no plano de Deus	37	29
	— Falando de Liturgia ...	37	41
	— " " " ...	39	31
	— " " " ...	40	55
	— " " " ...	41-42	50
CANTO GREGORIANO			
A. LE GUENNANT	— Valor espiritual do Canto Gregoriano	37	17
D. L. AGUSTONI	— "Elementi di Canto Gregoriano	37	17
D. JEAN-CLAIRE M.B.	— Ritmo e Modalidade ..	40	28
	— " " " ..	41-42	
IR. M.-ROSE PORTO, O.P.	— 3.º Livro de Canto Gregoriano	38	21
	— 3.º Livro de C. Grgeoriano	41-42	48
	— Esclarecimentos pedidos	41-42	59
VIDA DO INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO			
STELLA CARVALHO	— Aula inaugural de Impostação da voz na 15.ª Semana de Estudos, no Rio	37	47
M. M. DU RÉDEMPTEUR Côn. Sto. AGOSTINHO	— 16.ª Semana de Estudos, em São Paulo	38	45
PE. AMARO CAVALCANTI	— 17.ª Semana de Estudos, no Rio	41-42	65
MONS. EXPEDITO MARCONDES	— Dia de esutdo sôbre Liturgia e Canto Gregoriano	40	55
	— O Curso "S. Pio X" do Colégio Coracão de Jesus de Fiorianópolis	41-42	70
LIVROS EM REVISTA			
M. M. PHILIPON, O.P.	— "Os Sacramentos na Vida Cristã" — Agir ed. Rio 1959 — Trad. de Ir. M. da Trindade	37	55
L. BOUYER	— "La Vie de la Liturgie"	38	39
IR. ROSA MARIA, O.P.	— St. Exúpery e o céu sem Emites" —Livraria Duas Cidades — S. Paulo — 1959. ...	38	44
D. ESTÊVÃO BETTENCOURT, O.S.B.	— "Para entender os Evangelhos" — Agir — Rio — 1960	39	39

L. J. LEBRET	— "Dimensões da caridade" - Livraria Duas Cidades — S. Paulo — 1959 — Trad.de M.C. Goulart Pacheco	39	42
M. A. GENEVOIS, O.P.	— "O casamento no plano de Deus" — Agir — Rio - 1959 - Trad. de I. E. Martins .	40	51
ALBRECHT GOES	— "O Holocausto" - Agir-Rio - 1960 -Trad. de Lêdo Ivo	40	54
L. J. LEBRET — T. SUAVET	— "Renovar o exame de consciencia"	41-42	75
SERTILLANGES	— "Recolhimento"	41-42	76
	— Salmos e Cânticos	41-42	77
	— Coleção "Evangelho" de Cadernos Bíblicos .	41-42	78
MERTON, THOMAS	"O Pão no Deserto"	41-42	80
D. MARCOS BARBOSA O.S.B.	"A Noite será como o dia"	41-42	84

Só Climax facilita o seu confôrto!



CLIMAX VITÓRIA - 9,5 pés

Superlativo

Cr$ 39.450,

(PÔSTO S. PAULO)

- O melhor e mais moderno gabinete fabricado no País
- O maior congelador existente, onde cabe um leitão ou um peru inteiros (32.200 cm³)
- Amplo gaveto plástico "Quick [illegible]
- [illegible] P 91 [illegible] de [illegible] mento, fabricado [illegible] Tecumseh Products [illegible]

ISNARD & CIA. S. A. — Com. e Ind.

Av. São João, 1.400 — São Paulo

O SENHOR

está perto

de todos

que O

invocam;

Sl 145, 18

Jr 29, 13

Dt 4, 7

Sl 145, 18

Jr 29, 13

de todos

que O invocam

com sinceridade.

9612TA LBC 62
05-13-04 32180 XL

For use in Library only

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01459 9205

For use in Library only